


Ìyá Agbára

Ìyá Agbára

Virginia de Medeiros,
Gil DuOdé e Virginia Borges



1	<i>Claudia Sampaio Silva</i>	6
2	<i>Virginia Borges</i>	15
3	<i>Virginia de Medeiros</i>	31
4	<i>Lucrécia Boebes-Ruin</i>	39
5	<i>Vera Regina Menezes</i>	52
6	<i>Nina Graeff</i>	60
7	<i>Nitzan</i>	69
8	<i>Mirah Laline</i>	85
9	<i>Luanny Tiago</i>	96
10	<i>Gilmara Guimarães</i>	107

“O Candomblé é uma religião feminina, criada por mulheres. A força do Candomblé é feminina. Por que são as mulheres? Porque é a mulher quem gera. É só a mulher que dá à luz. É só a mulher que tem útero. A religiosidade do Candomblé é abrangente, abraça todo mundo. Quem abraça uma família grande? Sempre é a mãe”.

Babalorixá Muralesimbe (Murah Soares)
Líder religioso do *Ilê Obá Sileké*

<https://candomble-berlin.de/pt-br/ile-oba-sileke/>



**1 Claudia
Sampaio
Silva**

Eu me chamo Claudia Sampaio Silva, nasci na Bahia, na região da Chapada, próximo a Andaraí, numa cidade bem pequena chamada Colônia de Itaitê. Fui para Salvador aos 5 anos de idade com a minha família. Na Alemanha cheguei, pela primeira vez, em 1988. Eu vim visitar uma tia que estava com 2 filhos pequenos, ela estava meia desesperada sem saber como lidar com as crianças. Eu vim ajudar e aproveitar para sair do Brasil, foi em 87, final do Golpe Militar de 64 para entrada da chamada Democracia. Uma época muito conflituosa! Tranquei a Faculdade e fiquei um ano em Berlim, de 88 ao ano de 89. Neste período, conheci meu ex-marido.

Voltei para Salvador no ano de 89 e concluí o curso de Comunicação. Sou jornalista. No ano de 91, quando eu concluí a Faculdade, vim morar aqui em Berlim. Eu me casei e fiquei aqui até hoje e não pretendo sair daqui mais nunca.

A Casa de Candomblé, em Berlim, foi uma das coisas mais surpreendentes que eu vivenciei na vida. Porque um belo dia, do nada – eu nunca entrei numa Casa de Candomblé na Bahia –, recebi o convite de uma amiga para visitar um lugar. Um pequeno templo que o Babá Muralesimbe criou aqui em Berlim, num apartamento bem pequenininho. Era um dia de festa para as *Yabás*, para as mulheres do Candomblé. A casinha era pequena, lotada de gente, e tinha uma energia tão boa!

Foi aí que me apaixonei pela ideia de fazer parte do Candomblé. Me apaixonei pelo encanto das pessoas, fui atravessada por esta energia. Entrei no Ilê Obá Sileké.

Em 2007, mudamos para o bairro Kreuzberg, onde estamos até hoje. Algumas pessoas dizem que não existem coincidências. E foi muito curioso o que experimentei quando entrei pela primeira vez no Ilê, um rapaz de Oxalá abriu a porta para mim. Uma pessoa que eu nunca havia visto antes disse: “Um Oxalá tá indo embora e outro tá chegando.” Eu sou de Oxalá. Aquele momento foi muito significativo. Como eu falei, eu nunca tive nenhuma relação com o Candomblé na Bahia. Eu frequentei curso de espiritismo, visitei algumas mesas brancas de Umbanda, mas nunca tive vínculo com nenhuma destas Casas. De repente eu estava numa comunidade tomando café da manhã junto, aprendendo a rezar, a fazer orações e oferendas. Para mim, foi muito interessante esta experiência coletiva. A Casa expandiu aqui em Kreuzberg, agora temos este espaço maravilhoso! Com a expansão, conquistamos aprendizagem e confiança, mas também muitas responsabilidades chegam junto. Estou desde 2005 no Candomblé e desde 2007 nesta Casa.

Quem não tem noção de Candomblé, procura entender por comparação. O interessante é que o **Baba Muralesimbe, para que não haja expectativas frustrantes, sempre esclarece a respeito de adaptações**

que necessitam ser feitas na Alemanha para conviver e cultuar os Orixás. Adaptações que buscam permanecer o mais fiel possível. Este é um aprendizado muito importante, oferecido pelo Babá.

A maioria das pessoas buscam as religiões como um pilar para resolver os problemas da vida. Mas a religião não é nada disso, certo? A gente sabe que as religiões são para nos fortalecer independente das nossas crenças. As religiões nos ajudam a lidar com a realidade de uma maneira mais serena. Eu sou uma pessoa muito crítica em relação à concepção da religião, quando é colocada como uma coisa imprescindível na vida do ser humano. Porque, para mim, o que vale é a espiritualidade, não a religião. Por isso, me surpreendo comigo mesma em permanecer por tanto tempo no Candomblé.

Eu tenha algumas restrições, mas eu sei que é quando chegamos ao nosso limite que o grande aprendizado se apresenta. Aprender a tolerar o que me irrita, aprender a conviver com diferentes opiniões e atitudes; muitas vezes completamente opostas às minhas, é o grande desafio que a espiritualidade me colocou. Às vezes venho caminhado, andando sem muita vontade de chegar aqui, mas de repente, quando eu atravesso aquela porta, percebo o sentido de tudo. Este sentimento me mantém no Ilê. A vontade de cultuar os Orixás e sentir conscientemente esta energia

fluir na minha vida é revigorante.

Me foi dada uma tarefa muito importante no Candomblé que é a Cozinha Sagrada do Candomblé. Quem recebe este cargo se chama Iyabassé, que é a mulher que cozinha para os Orixás, para as Deusas e Deuses. Ela é a responsável pelo preparo dos alimentos sagrados no Candomblé. Eu tive a honra de ser ensinada diretamente por Babá Muralesimbe. Sempre com a ressalva que a cozinha, a culinária, o cardápio do Candomblé variam de Casa para Casa. Claro que existem os alimentos que são sagrados em qualquer lugar do mundo e que se referem a cada Orixá. Mas as receitas variam como na casa da gente. Por exemplo: todas conhecemos a sopa de batata, certo? Mas você faz uma sopa de batata de um jeito e a sopa de batata dela já é de um outro jeito. Enfim, o que eu quero dizer é que o Babá teve a vontade e a paciência de me ensinar suas receitas. Eu aprendi muita coisa. Realmente, é uma grande honra cozinhar para o Candomblé, sempre me preocupei com a seriedade desse cargo. Porque a energia que uma *Iyabassé* manipula é muito poderosa. **Como Iyabassé, quando chego na cozinha com a incumbência de fazer uma oferenda para alguma pessoa, eu sempre me preocupo em saber o nome dessa pessoa. Porque todo o tempo do preparo da comida vou pensar nela, vou mentalizar coisas boas para ela todo o tempo. Cozinhar é uma forma de oração.** Então eu não estou na cozinha para

conversar, para brincar nem contar piada, estou na cozinha orando. Mas, é claro, que tem momentos que isso procede, é normal, é humano e é saudável rir. A gente se alegra com a comunidade. A gente passa o dia com a comunidade, queremos reviver momentos, dividir histórias. Mas quando estou na cozinha, estou concentrada. Eu estou em conexão com a pessoa que está oferecendo a oferenda, com o preparado da oferenda e com os Orixás.

Mas enfim, a gente tem que aprender a relevar o ego. Este é meu maior desafio nesta casa, ser fiel ao que aprendi. Fiel à sabedoria dos Orixás. E, neste pacto de fidelidade, trabalho a paciência, inclusive comigo mesma. Este é o caminho.

Esta experiência aqui no Candomblé é fundamental para mim, foi meu maior ganho até agora aos 53 anos de vida. Aceitar os Orixás, aceitar as minhas limitações e tolerar as diferenças é um desafio diário. É um desafio da interioridade de quem cultiva a espiritualidade.

E o que é a espiritualidade? O que é? É um estado de conexão com sua força interior. Eu rezo todos os dias pela manhã os salmos. Eu faço o Evangelho no ar, comigo mesma, sozinha aos domingos em casa. Eu chego em Salvador, na Bahia, vou assistir à missa com minha mãe. A minha mãe me pergunta: “Minha filha qual é a religião que você tem? Em Berlim você vai no Candomblé, aqui no Brasil você vai tomar passe,

vai para missa...? (risos) Eu digo: “Mãe, vários são os caminhos que levam a Deus. Eu não tenho que escolher um único caminho! Eu tenho que me sentir próxima de Deus. Eu tenho que sentir Deus dentro de mim.” É por aí! Então lá vamos nós para a missa. (risos)

Outra coisa importante de vivenciar na Cozinha Sagrada do Candomblé, aqui em Berlim, é como lidar com a falta de alguns ingredientes. Eu me lembro que quando eu cheguei aqui, no ano de 88, eu trazia do Brasil dendê, leite de côco entre outros ingredientes. Com a globalização, muitos ingredientes chegam aqui, isto facilitou muito a vida das *Iyabassés*. **Hoje em dia, a gente encontra 99% dos alimentos secos. O próprio azeite de dendê e o leite de côco que são a base da cozinha do Axé; a folha de bananeira, sem acaçá não existe Candomblé, já encontramos aqui nos mercados asiáticos e africanos. Mas, é claro, existem algumas ervas que fazem falta, e a gente tenta trazer do Brasil, mas até isso estamos superando. Sabe por quê? Porque a necessidade de seguir faz com que desenvolvamos outros aprendizados. Hoje a gente percebe que tem têm muitas plantas aqui na Alemanha que se adaptam à necessidade do Candomblé e que atendem à cura. Há 20 anos atrás a gente não percebia.** Isso é muito positivo, porque dá alento e força para as pessoas que buscam esse tipo de cura natural. Muitos ritos de cura que antigamente só se podia fazer no

Brasil, hoje em dia se pode fazer aqui em Berlim. Esta Casa que tem muito Axé!!! E, digo mais, as adaptações que tivemos que passar é o que mais simboliza sua força.



2 Virginia Borges

Eu gostaria de me apresentar a partir da Enin – peça manufaturada com a fibra extraída de dentro do caule da palmeira de piaçava e costurada com a fibra extraída da folha do ouricurizeiro – um objeto que entrelaça os contextos históricos de matriz indígena e africana. A minha relação com a Enin, remete: primeiramente à relação afetiva que eu fui tecendo com o grupo das mulheres extrativistas e artesãs da costa norte da Bahia; remete também, aos usos cotidianos e rituais que vivencio como yawô no terreiro; aos meus pais que dedicaram suas vidas à militância agroecológica; e aos meus avós, e bisavós, que por sua vez, retiravam o sustento da terra com as próprias mãos. No ilê Obá Sileké, Babá Murah me chama de “Sassanha”, que é o ritual que se faz para encantar as folhas usadas nos rituais litúrgicos. Assim, os elementos da minha pesquisa e trajetória de vida se entrelaçam para contar uma história da qual, de uma maneira ainda misteriosa, faço parte.

Eu sou Virginia Borges, brasileira. Designer de Moda, Mestre em Artes Visuais. Nascida em São Paulo capital e criada no interior. Atualmente moro entre Berlim e Salvador. Meus pais foram engenheiros agrônomos militantes contra o uso de agrotóxicos, desde o final dos anos 70. Eles se conheceram na universidade e me tiveram muito cedo. Enquanto buscavam se estabelecer profissionalmente na cidade, eu passei a minha primeira infância com meus avós maternos

na zona rural. Vó Carmem era espanhola, veio de uma família de camponeses imigrantes. Vô Benjamim, era retirante ruralista do norte de Minas. Em São Paulo ele passou a exercer cargos de confiança concedidos pelos proprietários das terras onde trabalhava. Por conta do cargo, pudemos morar na sede de algumas das fazendas que ele administrou. Uma delas, eu lembro o nome, chamava-se “Torre de Pedra”. Quando íamos à cidade, atravessávamos um pasto de búfalos, dentro do fusca do meu avô. Quando eu era menina, eu me ocupava de coisas assim, como observar o queijo colocado para drenar dependurado na varanda. Enquanto o cheiro dos biscoitos de nata, perfumavam a casa. A tarde era de um tempo infinito. Então, apesar da presença inconstante do meu pai e da minha mãe nessa época, pude receber alguns mimos igualmente significativos: **desde o quiabo colhido diariamente pelo meu vô, até a gemada de ovo caipira feita pela minha vó, tudo era produzido ali, manualmente, e me nutria a alma.** E já que mergulhei nesse rio chamado infância, não posso deixar de mencionar a presença de minha tia Carminha, ela tinha um instinto maternal aguçado. Meu bisavô era baiano e também foi um homem do campo. O fato dele ter sido soteropolitano me instiga pois, ao longo da minha vida, fui desenvolvendo uma forte identificação com a Bahia. **Minha mãe, embora tenha se dedicado mais à carreira dela do que a minha criação nesse período, me deixou um legado muito importante,**

sobretudo, no que diz respeito ao rompimento do papel que estava predestinado para ela, como uma mulher de sua condição social. A contragosto da minha vó, ela decidiu sair de casa para estudar aos 8 anos de idade, tendo sido criada pela minha tia avó na cidade. De Marília-SP, ela foi para o mundo. Fez Graduação, Mestrado, Doutorado, Pós-Doutorado e assim, **construiu uma carreira internacional como pesquisadora no campo da Agroecologia, tornando-se com o passar do tempo, a matriarca da família.**

Eu sou formada em design de moda, passei dez anos trabalhando no departamento de criação como estilista na indústria têxtil em São Paulo. Mas por coincidência, ou não, acabei encontrando mais sentido na minha carreira de estilista atuando com políticas públicas de moda ética e sustentável junto ao Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). **Foram seis anos de trabalho viajando pelos rincões do Brasil, produzindo coleções de bolsas e outros acessórios de moda com grupos de mulheres agricultoras familiares em diferentes contextos rurais do país. Estive criando coleções com grupos de artesãs no Pará, Mato Grosso do Sul, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Bahia, Minas Gerais, entre outros. Mergulhei em um contexto de moda oposto ao do sistema industrial fabril, que via as trabalhadoras apenas como mão de obra. Estes grupos de mulheres atuavam como coautoras das coleções! Foi uma experiência artística que me**

transformou como ser humano. As técnicas que as artesãs dominam são saberes adquiridos localmente e passados de geração em geração. Das tecelãs de lã de carneiro no Rio Grande do Sul, às extrativistas em fibra de tururi na Amazônia, estar em contato com essas mulheres detentoras de conhecimentos tradicionais afro-indígenas foi muito inspirador e produtivo! Fiz uma reflexão sobre essa experiência e ganhei o prêmio Brasil Criativo do Ministério da Cultura em 2013. **No mestrado, aprofundei a minha reflexão sobre essa experiência no campo das artes visuais de tradição não europeia. Recebi uma bolsa para desenvolver parte da pesquisa no Museu Etnográfico de Paris e foi assim que cheguei à Europa, em julho de 2017. Isso foi pouco tempo depois do golpe contra a presidenta Dilma Rousseff, o que me marcou, pois quando o Michel Temer assumiu, o Ministério da Educação cortou o edital que havia possibilitado a minha saída do país. Ou seja, eu saí do Brasil na última leva de pesquisadores subsidiados. Logo em seguida, o terreno foi arado com o sentimento do antipetismo, e o golpe foi semeado com apoio da mídia e a indústria das fakenews. Em consequência disso, a educação, a cultura, o meio ambiente, os povos indígenas e as comunidades tradicionais, enfim, todo o país entrou na fase da necropolítica Bolsonarista.** O meu marido na época tinha uma bolsa de pesquisa vinculada a Berlim. Então assim que o meu vínculo acabou na França, decidi me basear na

capital alemã. Meu processo de adaptação na Alemanha está sendo difícil, isso porque eu estava mergulhada no processo da escrita da dissertação em português. Além disso, trabalhava com meu professor em francês e, por fim, resolvia minha vida cotidiana na Alemanha em inglês. Nada anormal para os padrões berlinenses, não é mesmo? **Pois para mim, mesmo sendo uma mulher paulistana e relativamente jovem, tornar-se berlinense tem sido bastante desafiador. Inevitavelmente passei por um período “desterritorializador”, sentindo-me em alguns momentos bastante vulnerável emocionalmente.** Ainda assim, defendi meu mestrado na Unicamp. Gestei e pari meu caçula em meio a uma pandemia. Minha filha mais velha entrou na adolescência. Participei da 11 Bienal de Artes de Berlim a convite da artista Virginia de Medeiros. Como *yawô* trabalhei cuidando das plantas rituais do *Ilê Obá Sileké*, assim como participei do programa federal de trabalho voluntário ecológico da Alemanha, tendo atuado no parque *Tempelhofer Feld*, na prática do manejo de plantas em perímetro urbano, visando a integração de imigrantes e refugiados. Me separei. Escrevi um projeto para o comitê Marielle Franco de Berlim. **Até que os invernos foram se tornando cada vez mais longos e eu passei a não me reconhecer mais nas fotos 3X4 apresentadas ao escritório de imigração. Tenho sido muitas e ao mesmo tempo nunca é o bastante para que eu garanta efetivamente a minha permanência aqui.**

Então, o meu corpo me fez parar para que eu aceitasse os meus limites. Continuo buscando me entender no contexto europeu, assim como tenho renegociado comigo mesma a minha permanência aqui. O Ilê Obá Sileké foi muito importante no início do meu processo de adaptação em Berlim. Percebo que a minha relação com a Casa foi tecendo a minha relação com o meu entorno como mulher imigrante latino-americana na Europa. Hoje meu vínculo com Berlim, deve-se muito aos meus vínculos familiares e com o Ilê.

Candomblé

A minha experiência com o Candomblé teve início no Brasil. De 2015 até 2017, fui *abian* no terreiro Ilê Axé Ifé Ogum Oranyã, do Babá Tonykã em Barão Geraldo, em Campinas. Foi em uma oferenda à Oxalufã que eu senti a presença do meu Orixá pela primeira vez. Eu “bolei”, isto é, entrei em transe. Até que, num determinado dia, durante o processo de frequentar a Casa, meu Orixá foi suspenso pelo Babalorixá. Isso significa que fui escolhida pelo meu Orixá e reconhecida pelo pai de santo daquela Casa. Aquilo também significava que, em algum momento, eu teria que “dar a minha obrigação”, ou seja, eu deveria ser iniciada na religião, naquela, ou em outra Casa de Santo. Realmente foi se tornando cada vez mais evidente para mim a presença do Orixá na minha vida. É algo que se manifesta no corpo e não se explica. Não é algo que decidimos com

a razão. A presença do Orixá para quem o sente é irrefutável. Eu aceitei a ideia da iniciação, mas tinha dúvidas se aquela era a minha Casa, pois isso aconteceu um pouco antes da minha vinda para Europa. Em Berlim, fiquei sabendo da existência do *Ilê Obá Sileké* pela internet, mas a princípio achei que fosse apenas um espaço cultural que oferecia cursos de capoeira e língua portuguesa. Não imaginei que fosse possível que naquele espaço cultural em *Kreuzberg* pudesse haver um terreiro de Candomblé “de verdade”. O tempo foi passando e eu continuava sentindo a minha conexão com o meu Orixá. Eu rezava pedindo para que Iemanjá encontrasse uma Casa para que eu pudesse continuar desenvolvendo o meu caminho espiritual na Europa.

Em 2018, a minha filha mais velha (Chloé de Xangô) fez amizade com Uriara (de Yansã), amiga do Babá Murah. A minha filha combinou de ir ao *Ilê Obá Sileké* na semana seguinte que a conheceu e me levou com ela. No mesmo dia me sentei na esteira, enin. Isso quer dizer que me senti em casa e que, ao mesmo tempo fui aceita como abian, pelo Babá Murah. Sinto que a enin pode ser entendida como uma espécie de pele, por meio da qual nos conectamos como parte de um corpo muito mais amplo: o corpo “etéreo” do nosso Orixá.

Eu “bolei” no primeiro Olubajé que estive presente no *Ilê*. Olubajé é um ritual no qual oferecemos um banquete ao Orixá Rei Obaluaê, filho de criação de

Iemanjá. Depois disso, permaneci apenas seis meses como *abian* no *Ilê*, joguei os búzios com *Babá Murah* e o oráculo estava dizendo que eu já tinha que me preparar para iniciação. Foi tudo muito rápido aqui na Alemanha, entrei em 2018, me iniciei em 2019. No primeiro semestre do ano que precedeu a minha decisão de me iniciar na religião, se não me engano, em abril de 2018, eu estava oferecendo uma “Oficina de contrapartida” para o grupo de mulheres que eu trabalhei na época do Talentos do Brasil e depois pesquisei no mestrado: as mulheres extrativistas e artesãs que trabalham com as técnicas remanescentes *Tupinambá*, no litoral norte da Bahia. Então, como eu estava ao lado de Salvador e me sentindo muito mal, fui jogar búzios com *Babá Obaràyí*, (pai de santo da *Yá Omindarewá*, mãe de santo do *Babá Tonykã*, meu pai de santo da época do *abianato* no Brasil). Estando ali e sentindo a necessidade de jogar, busquei seguir a linha da ancestralidade da Casa onde tive o primeiro contato com o meu Orixá. O *Ilê Axé Opô Aganjú* é uma Casa de *Xangô* da Nação *Ketu*, uma das mais antigas da Bahia. Aquele foi um jogo muito forte para mim. Ele falou que eu precisava dar a minha obrigação o quanto antes. **As obrigações são os ritos que marcam a trajetória e a relação entre a filha de santo, o seu Orixá, assim como com a comunidade que a recebeu.** Naquela época eu estava com hipertireoidismo, por coincidência ou não, posteriormente, meu tratamento na Alemanha foi feito com iodo, elemento oferecido

pelas águas do mar. O poder curativo do iodo vem do mar, das águas de minha mãe Iemanjá! Eu fui convidada pelo *Babá Obaràyí* a fazer a feitura (o mesmo que iniciação), fiquei lisonjeada, me emocionei, nesse ponto da minha trajetória, encontrar a minha Casa era tudo o que eu queria, mas eu não entendia como seria possível uma filha de santo à distância e, neste processo, entendi que deveria ser iniciada na Alemanha. E foi assim que eu me tornei yawô no *Ilê Obá Sileké*. **Como pesquisadora da Arte de Tradição não-Europeia, estou fazendo uma pesquisa de doutorado que perpassa a questão da reinvenção do Candomblé na Alemanha.** Quando cheguei no *Ilê*, a dupla identidade do terreiro me chamou muito atenção – um espaço que é, ao mesmo tempo, um centro cultural e um terreiro de Candomblé. Em um primeiro momento o centro cultural se destacou para mim, ele veio na frente. Depois entendi que também era um espaço religioso, no qual o Candomblé realmente acontecia. Acho interessante como essa operação se dá na prática – o Candomblé lido na chave da cultura na Europa. **A história do Candomblé reúne um legado de um patrimônio cultural material e imaterial afro-brasileiro. Uma história de perseguição ao povo negro, de luta, de resistência e de reinvenção que ainda precisa ser muito pesquisada, ouvida e principalmente reescrita a partir de uma perspectiva não-Europeia. As reminiscências africanas no Brasil, suas técnicas, seus rituais, cultos e divindades, apesar das diferenças**

étnicas, foram recriadas tornando-se afro-brasileiras. Por tanto, o movimento fecundo de manter e ao mesmo tempo recriar tradições é algo que é inerente ao Candomblé. Isso me interessa muito e, de algum modo, norteia a minha pesquisa. Me interessa a tradição não apenas no sentido da preservação de um patrimônio cultural, mas também no sentido de sua reinvenção no presente, garantindo assim, sua continuidade para o futuro. Minha abordagem é a da cultura material e imaterial, da história da técnica, das coleções e dos objetos. Dentre um *corpus* de objetos têxteis mais amplo, continuo trabalhando com a *enin*, que é um dos artefatos produzidos pelo grupo das artesãs da costa norte da Bahia e também encontra-se no contexto cotidiano e litúrgico do *Ilê Obá Sileké*. Isto é, a *Enin* é um artefato que estava presente no meu campo de pesquisa do mestrado como um objeto *Tupinambá* e agora encontra-se igualmente presente no meu campo de pesquisa do doutorado como um objeto do *Candomblé*. Por conta do clima, é um desafio muito grande conseguir certas folhas em determinadas épocas do ano. As plantas sofrem aqui, muitas não se adaptam. Estou nesse processo de aprendizado na Casa. A fim de resolver o problema da inadequação do clima europeu às espécies pantropicais utilizadas nos rituais, em 2019 eu criei o projeto UTERUS, com a contribuição generosa da arquiteta Elena Gepetti (Escritório Embya) e da arquiteta Letícia Untermoehl (Janaínas e Verrain). A proposta consiste numa pequena

estufa climatizada projetada para gestar o jardim etnobotânico da comunidade do *Ilê Obá Sileké*. Esse será um capítulo importante da minha tese de doutorado. Em seguida, a artista Virginia de Medeiros aceitou o convite, passando a contribuir efetivamente com UTERUS com sua metodologia de trabalho em artes visuais. Tendo em conta a crise energética na Europa, nosso objetivo, enquanto equipe multidisciplinar de mulheres, tem sido discutir a construção de uma alternativa provisória à estufa climatizada, visando resolver com criatividade e inovação o problema do fornecimento de plantas e folhas para a comunidade do *Ilê Obá Sileké*. A curadora Daniela Labra (zait.art), assim como o Curador Nils Coester (Jardim Botânico de Berlim) apoiam o projeto. Convidei a minha irmã de santo, Dofonitinha D'oxossi para fazer a produção executiva da estufa climatizada na Alemanha, pois esse é um projeto que, provavelmente, precisará do Fórum Brasil como instituição parceira para o recebimento dos recursos e o engajamento de toda a comunidade na etapa da construção da estufa.

Ìyá Agbára

A minha irmã de santo, Dofonitinha d' Oxóssi me passou o contato de Virginia de Medeiros. A princípio era apenas para fazer um trabalho de tradução. Mas nosso encontro foi conduzido por uma energia de muita identificação também no campo das ideias, o

que nos trouxe um Axé de criação e multiplicação. Virginia, minha xará, junto com Dofonitinha, também minha xará, dividimos a coautoria de Ìyá Agbára.

Todas as pessoas envolvidas no projeto são filhos de Santo do Ilê. A delicadeza com que a artista acessou o campo fez com que todos se envolvessem fazendo o que mais gostam de fazer: criando, produzindo, cantando, tocando ou contando suas histórias. Um exemplo são os retratos em filme: as mulheres produziram-se a si mesmas a partir de um processo coletivo de criação. Isso inclui a artista, Virginia (de Medeiros), que como *abian* da casa foi retratada assim como nós. Para além disso, que já vem sendo o modo como a artista Virginia de Medeiros trabalha, eu Virginia Borges, pude contribuir co-criando um conceito novo, que é a produção de imagens por meio de um processo técnico e artístico que faz analogia à espiritualidade. Os retratos em película foram quimicamente e poeticamente revelados! Quem nos filmou foi Gustavo *D'Logunedé*, nosso irmão de santo. Discutimos com ele a nossa ideia de fazermos múltiplas exposições, e então ele trabalhou rebobinando o filme dentro de uma caixa preta, para expor o mesmo fotograma ao retratado. Desse modo, criamos camadas das quais não tivemos controle sobre o resultado da imagem que estávamos criando. Estávamos totalmente entregues ao processo e ao que nos seria revelado. Este trabalho fala sobre isto: estar aberto para viver uma experiência que você não tem

controle. O projeto foi dividido em 2 fases: instalação artística e ocupação no *Ilê Obá Sileké*. O modo como Virginia de Medeiros conduziu a experiência artística aqui na Alemanha foi muito próxima da experiência que vivi com o grupo de mulheres agricultoras na Bahia, um trabalho criativo numa perspectiva de coautoria radical. Em *Ìyá Agbára*, passei de propositora, modo como eu atuava no Talentos do Brasil, para ser uma pessoa do campo-ação. Esta inversão de perspectiva foi muito interessante para mim! **Ìyá Agbára é um nome que decidimos não traduzir pois “força das mães” no candomblé não teria o mesmo sentido que “força das mães” fora do candomblé. Com o tempo, entendi que esse trabalho é, para mim, um trabalho sobre o poder do matriarcado num sentido para além do contexto biológico. O útero no candomblé também pode ser o “roncó”. Nessa perspectiva, a própria figura do Babá nos oferece uma chave de leitura sobre o que venha a ser “mãe”: Babá pode ser lido ora como nosso pai de santo, ora como nossa mãe Iansã. Assim como o Ilê Obá Sileké, ora é cultura, ora é religião. Eu valorizo muito essas pequenas “contradições” porque apenas elas dão conta da complexidade da realidade. Do mesmo modo eu concebo as imagens de *Ìyá Agbára* em dupla exposição como sendo também uma dupla possibilidade de leitura de uma mesma realidade: a primeira tomada ao “pé da letra”, a segunda, experimentada numa percepção**

expandida, poética, política e transcendente! Há ainda um terceiro plano onde a primeira camada e a segunda camada coexistem, eu amo pensar sobre coexistir com múltiplas verdades não concorrentes entre si! O corpo da mulher pode receber um orixá masculino e o corpo de um homem pode receber um orixá feminino. O candomblé nos possibilita viver tudo isso, além da noção do corpo com gênero transliteral a noção de corpo é amplificado também pela dança. A expressão artística fez parte do fundamento religioso para que o *Ilê Obá Sileké* se firmasse na Alemanha. Babá Murah chegou aqui como bailarino e coreógrafo de dança afro-brasileira. Por isso, contar a história do Candomblé por meio da linguagem artística é muito legítimo para nós desta Casa. Percebo que, no campo das Artes, a coautoria ainda é um espaço de engajamento social e político rodeado de tabus. O mercado das artes está ancorado no discurso dos direitos autorais, portanto, a forma que este projeto se deu abre um debate dentro do campo da arte contemporânea. Como mestre em artes visuais que trabalha com arte de tradição não-Europeia, ver o Babá Murah, junto com a comunidade do *Ilê*, fazendo parte da programação de performance “*Ritual of Cure*” no átrio do *Gropius Bau* e, no mesmo ano, participando da *11a Bienal de Berlim* destacando a força matriarcal do Candomblé é, pra mim, tão instigante quanto gratificante. Isso porque há uma assimetria de poder na disputa dos territórios da arte - arte ou artesanato,

cultura popular ou erudita, performance ou ritual, arte maior ou arte menor. E neste momento de revisão dos debates sobre colonialismos do passado e do presente, acredito que estes parâmetros de valores que regem o sistema das artes estão e devem continuar sendo postos em xeque.

3 Virginia de Medeiros

Meu nome é Virginia de Medeiros, sou artista visual.

Nasci no interior da Bahia, em Feira de Santana.

Meus pais são do sertão da Paraíba. Eles migraram para Feira, fugindo da seca, em busca de melhores condições de vida. Somos 9 irmãos, 14 sobrinhos e 17 sobrinhos-netos. Uma família grande e unida. Eu vivi na zona rural até os 18 anos de idade. Viver no mato foi a minha primeira experiência com a arte e com a espiritualidade.

Estou em Berlim como artista comissionada da 11a Bienal de Arte Contemporânea de Berlim, tenho como desafio produzir um novo trabalho no período de 3 meses de residência. O tempo de permanência é terrivelmente pouco, mas afastar-se do Brasil por alguns meses é girar o globo para vivenciar a sua infinitude. Isto me motiva. Ao mesmo tempo que

animei veio receanças – um pavor de despropósito.

Conversei com Amanda Melo – amiga, parceira e artista – que trabalha com dinâmicas terapêuticas em processos criativos. **Abrimos a residência em**

campo sistêmico para abordar questões do processo criativo, energizar e estabilizar o campo vibracional da residência. Nesta dinâmica, a gente se movimenta

através de sensações corpóreas que ajudam a visualizar e organizar o que está oculto no processo criativo. **Meu**

corpo fez movimentos desconhecidos, figurava algo litúrgico e de oferenda. Como resultado, o objetivo da residência apontava para espiritualidade e anunciou 3

palavras: África, territórios e cura.

Dois meses depois, fui recebida por esta comunidade, o Ilê Obá Sileké, como abian, filha de santo não iniciada. Os movimentos litúrgicos e de oferendas que se manifestaram no meu corpo no Brasil se repetiram, aqui em Berlim, durante os rituais do terreiro. Como pode um corpo ter memória do futuro? Aprendi no Candomblé que não existe passado, presente e futuro quando falamos de tempo ancestral. Li que Exu é o menino que acertou o pássaro ontem com a pedra que atirou hoje. No livro “Fogo no Mato: a ciência encantada das macumbas”, os autores colocam que o campo da cultura é o território de Exu. O ato cultural potente é da disponibilidade de Exu que ingere o que chega como oferenda para devolver a oferenda, redimensionada como Axé. Eu nasci no dia 2 de fevereiro, dia de Iemanjá. Sou filha de Iemanjá e Exu, assim como a Mãe Beata de Iemanjá, *Yalorixá* que consagrou o Ilê aqui em Berlim. Foi aqui, nesta Casa, que soube que Exu também me regi.

Cheguei em Berlim com certeza que iria encontrar pessoas para viver a residência artística coletivamente. Cheguei na semana do Dia da Consciência Negra, vim para um evento aqui no Ilê e conheci Murah Soares, nosso Babá, fundador e zelador do Ilê Obá Sileké, primeira Casa de Candomblé da Alemanha. O humor e

a alegria do Murah me contagiaram, abracei ele como se estivesse abraçando a Bahia. Neste dia, também conheci Gil DuOdé. Ela estava fazendo a tradução simultânea do evento. Gil me atravessou de uma maneira que não sei explicar, fui flechada pela força do seu sorriso. Fumamos um cigarro no sopro de encanto que só quem é dos invisíveis pode explicar. Convidei a Gil para fazer a tradução simultânea da minha fala para um evento da Bienal. Gil aceitou, mas acabou passando o trabalho para Virginia Borges, yawô do terreio. Yawô em yorubá significa filha de santo iniciada. Eu e Virginia Borges marcamos de almoçarmos juntas para falar da tradução. Ela também havia separado um conjunto de roupa de ração para me emprestar, a roupa tradicional das filhas de santo. A roupa tinha o seu nome escrito, Virginia D'Yemonjá, na barra da costura em tinta azul. Ficamos uma de frente para outra, Virginia D'Yemonjá ensinando para Virginia D'Yemonjá como se vestir. Fui espelhando seus movimentos. Enrolar o pano da costa no corpo, torcer sem dá nó. Isso me soou tão forte, um aprendizado: prender sem nó, as pontas do tecido livres numa dobra. Foi um momento lindo, a vibração mudou. As Virgíncias D'Yemonjá se duplicaram no Ilê, gerou confusão na hora de chamar pelo nome. O Babá passou a me chamar de Virginia D'Exu. Existe muito tabu em torno do Orixá Exu, porque no Brasil Exu é associado ao diabo pela influência católica, ainda hoje.

No evento Dia da Consciência Negra no Ilê, também conheci a Verinha. Verinha é filha de Oxum, cachoeira de amor. Vera é *Yabassé* do Ilê, a pessoa responsável pelo preparo dos alimentos sagrados no Candomblé. Nunca poderia imaginar que uma semana depois eu seria sua auxiliar de cozinha. As mãos de Vera, seus dedos longos, dedos bailarinos coreografavam com os alimentos. Tudo é circular, tudo dança... tudo é canto e balé em Vera.

Uma semana antes do Dia da Consciência Negra no Ilê, encontrei três pedras no apartamento que estou morando aqui em Berlim. Pedras pequenas e delicadas, riscadas com linhas que me lembram a palma das mãos. Eu senti que elas queriam me dizer algo. Coloquei-as no meu altar. Visitei a exposição no Hreinn Fridfinnsson no KW Institute for Contemporary Art, entre tantos trabalhos um me chamou atenção: a foto de uma grande pedra que era habitada por um espírito. **As pedras estão falando comigo, pensei.**

Contei para Babá meu sonho: Era um rio de águas negras e mornas que se agitavam mansamente. Era um rio gordo e farto, um rio alto! A escuridão abraçava a paisagem com um véu transparente que tingia tudo de cinza, exceto o fundo do rio e o verde neon de uma gramídea luminosa que serpenteava aos meus pés. Na altura dos meus olhos no alto mar, um homem negro dançava sobre a ondulação das ondas. Seu corpo nu

refletido em prata cintilante, reflexo do espelho que carregava na mão esquerda, abrilhantava o divino. Era lindo seu dançar erótico, masturbava-se flutuando no mar. Saí em direção à praia, passei por uma lama preta e macia, meus pés afundavam com tranquilidade.

O Babá disse que foram os Orixás que me levaram até o Ilê, que eu fosse vivendo o dia a dia que as coisas se revelariam. E assim eu fiz e assim foi. Neste processo de convívio, abriu-se um portal mágico. **Compreendi que a transmissão dos conhecimentos nos terreiros se dá nas encruzilhadas da convivência a partir de uma sensibilidade contínua para a escuta. Trata-se de uma prática iniciática: nada é explicado tudo se apreende na sapiência do olhar e na tocai da escuta.**

Nesta noção de aprendizado o conhecimento é sempre inacabado, exige plurais revisitas e a sustentação de si manter sempre aberto para construção do saber. Um exercício radical de alteridade se dá como princípio de aprendizado, desenhando-se uma ética de sociabilidade circular, na qual as partes humanas e não-humanas, animadas e inanimadas são indissociáveis e fazem parte do todo; onde a ancestralidade é presentificada nos corpos, produzindo sentidos e conhecimentos não como uma instância do passado. Porém, é nos festejos que se dá de forma concentrada a experiência disruptiva que atualiza, no corpo, a tradição. Momento que a comunidade inteira

trabalha simultaneamente para que a Força Vital da ancestralidade se manifeste nos corpos e a experiência produtora de novos sentidos aconteça.

Os autores Antonio Simas e Luiz Rufino colocam que os conhecimentos das macumbas partem dos princípios explicativos a cerca das interações entre tempo e espaço, visíveis e invisíveis, credibilizando as perspectivas da multilateralidade e multitemporalidade, multidimensionalidade como modos operante na produção da realidade. Partindo dessa compreensão, decidimos trabalhar com a película cinematográfica.

A materialidade espectral da película nos permitiu criar uma imagem entidade que habita o território impreciso do entre. Convidamos o cineasta Gustavo Jahn, o Gustavo D'Logun, para compor a equipe. Através do recurso de múltiplas exposições, rebobinando o filme dentro de uma caixa preta para expor o mesmo fotograma novamente ao retratado – combinado elementos de reversibilidade e imprevisibilidade, únicos e circunstâncias para construção de cada retrato. Este procedimento fez surgir imagens das quais não tivemos qualquer controle. Imagens com múltiplas presenças que, simultaneamente, ocupam o mesmo tempo e espaço. O desejo foi criar imagens pujantes e vigorosas – uma imagem de Axé – a força mágica que sustenta os terreiros de Candomblé. Energia que se dá e se recebe, que se ganha e se perde, que se acumula e se dissipa.

Gil DuOdé e Virginia D'Yemanjá dividem a autoria de *Ìyá Agbára comigo*. Gil nomeou a obra: *Ìyá* significa mãe na língua yorubá e *Agbára* significa força, potência, poder. Mas *Agbára* é também um dos nomes de Exu, o Orixá do movimento, da comunicação e do princípio criativo no Candomblé.

4 Lucrecia Boebes- Ruin

Eu sou Lucrecia Belbas Ruin. Eu nasci no Brasil, no estado do Maranhão, em Coroatá, com o sobrenome de Patrício. O Ruin e Belbas são sobrenomes referentes aos meus dois casamentos com alemães.

A Alemanha na minha vida.

Em 1998, no dia 20 de janeiro, eu desembarquei no Aeroporto de Kassel com objetivo de estudar a língua alemã e fazer um curso numa universidade. Na época eu tinha meus 21 anos.

A data 20 de janeiro merece ser destacada! Neste dia, se celebra a vida do Santo São Sebastião que é sincretizado em alguns lugares do Brasil, principalmente no Maranhão, como sendo um avatar do Vodun Xapanã, que no Candomblé, corresponde ao Obaluaiê - Orixá da cura.

O tempo passou.

Aprendi a falar alemão, nasceu meu primeiro filho no dia 2 de junho de 2000, o Caetano. Depois que o Caetano nasceu eu voltei para o Brasil para fazer a minha iniciação, eu fui iniciada no Tambor de Mina para o Vodun Naveorualim que corresponde dentro do Candomblé a Oxum.

O tempo passou.

Morei uma época em Portugal, depois voltei para a Alemanha e aí tive meu segundo filho homem, o Cláudio. Eu me separei do meu ex-marido, no mesmo ano do nascimento de Tara, minha filha. Foi um ano decisivo na minha vida, foi o ano que eu também perdi meu Pai de Santo no Brasil.

Uma vez que meu Pai de Santo tinha falecido, eu não sabia como cuidar da minha espiritualidade. Foi um momento de espera, porque eu não havia encontrado nenhuma alternativa na Alemanha.

O tempo passou.

Eu tentei preencher o vazio espiritual com outras religiões como hinduísmo e budismo que são filosofias de vida maravilhosas! Mas não conseguiam preencher o vazio que ficou dentro de mim – a falta dos tambores batendo, do culto aos Voduns e Orixás. A falta de louvar o santo da forma que eu havia aprendido de berço, desde a minha infância, com as minhas raízes maranhenses.

O tempo andou.

Eu desisti de todas as buscas espirituais que havia começado como: as meditações, o tantra, o budismo.

Foram experiências interessantes, mas deixei tudo pra traz porque senti que não era o caminho espiritual que eu queria percorrer. Neste período, eu conheci meu atual marido, nos casamos e eu tive mais um filho. O meu filho Lázaro que nasceu no dia 19 do mês de dezembro de 2015, dia que eu completo *Odun*. Meu filho nasceu quando eu completei 14 anos de feita para o Vodun! (risos) Ele estava planejado para nascer 4 semanas mais tarde, mas o Lázaro quis vir ao mundo, exatamente, neste dia! Lázaro nasceu em outubro, em novembro quis fazer um workshop com Babá Murah. Eu falei para o meu marido que eu queria dançar um pouco. Embora eu tivesse acabado de parir, eu queria muito dançar para os Orixás. Fui com o meu bebê de colo, Lázaro não tinha nem um mês de nascido. Eu falei para Ina, a pessoa que estava coordenando o workshop: “Ina, fala para o Murah que quando meu bebê chorar eu vou fazer uma pausa para amamentar.” Ela disse que eu mesma poderia falar com o Murah, que ele iria entender, que isso não era um problema. Então o meu primeiro contato com o Babá foi pela dança. O Workshop durou quase 3 horas, dançamos para Ogum, Oxóssi... O Babá ficou observando meu movimento com o Lázaro. Ele achou maravilhoso ver uma mulher chegar com esta atitude! Dança, dança, dança e para e amamenta, trocar a fralda do menino, vê se o menino está bem. Depois volta dança, dança, dança coloca o menino pra dormir e aí volta a dançar! Isso foi durante toda uma tarde, toda. À noite teve uma festa, e o Babá

fez a performance para Xangô. Eu fiquei encantada, falei para ele assim: “Eu gostaria muito de conhecer a sua Casa, o Ilê.” Ele me deu o endereço e disse: “Vai!” Eu queria muito ter ido na festa seguinte, a Festa de Oyá. Mas eu estava muito envolvida nos afazeres de casa, cuidado dos filhos e acabei não conseguindo ir.

O tempo passa.

Chegou o mês do Carnaval da Cultura de Berlim, Danilo, um amigo que tem a Banda Peludum, me ligou 2 semanas antes me fazendo o convite para ir para lá com ele: “Oi Lu! A gente vai para Berlim, você não quer ir com a gente? Você e o Caetano?” Eu falei: “Vou pensar.”

Apareceu carona e espaço para ficar em Berlim, fui. Encontrei pela segunda vez o Babá Murah, ele estava com a Barraca do Acarajé. Provei do acarajé delicioso do Murah e ele me convidou para ir ao Ilê durante a semana.

Na mesma semana, fui jogar búzios com Babá Murah. Foi uma experiência incrível! Ao jogar os búzios, da mesa eles voaram e caíram na minha perna. O Babá olhou para mim e disse: “Seu Orixá tá pedindo obrigação.” (risos). Eu fiquei muito admirada, porque já vinha sentido as cobranças do Orixá!

Eu sou um caso de Filha de Santo não raro, mas um tanto peculiar dentro da liturgia do Candomblé. Eu tenho o que se chama no Candomblé de *Orí Mejí*. Em Yorubá *Orí* é cabeça e *Mejí* metade que significa “cabeça dupla”. Minha cabeça é regida por dois santos ao mesmo tempo, ou seja, dois Orixás. No Candomblé, geralmente, temos um Orixá de frente, pai ou mãe de cabeça e um segundo Orixá que é o *juntó*. Quando você se desequilibra na qualidade do seu Orixá de frente você passa a ser amparado pelas qualidades do seu Orixá *juntó*. No Brasil eu tinha sido feita apenas para uma das Santas, a Orixá Oxum, por isso havia uma cobrança muito forte da outra, no caso, Iemanjá. A cobrança estava tão forte que Iemanjá não estava deixando Oxum falar nos búzios. Logo marcamos um *Obori* para acalmar, ritual tradicional do Candomblé de harmonização energética. O meu *Obori* aconteceu no final de maio, e já marcamos a minha oferenda para Iemanjá. Eu estava com 17 anos de feitura, muito tempo devendo obrigações. Quando somos iniciadas no Candomblé temos obrigações para cumprir, que são cerimônias internas feitas para os nossos Orixás. Temos a obrigação de 3 anos de feitura, de 5 anos, 7 anos, 14 anos e eu já tinha passado do tempo de fazer as oferendas.

Marcamos as oferendas, fiz as obrigações e a partir daí comecei a participar dos eventos do Ilê Obá Sileké. Mas como eu não vivo em Berlim, não consigo ter

uma participação intensa como meus irmãos da Casa. Sempre venho de trem e são 4 horas de viagem da cidade de onde eu moro, Bochum, até aqui. Eu deixo para vir em ocasiões especiais, quando tem festa ou feitura. Quando meus filhos estão de férias, aí eu posso estar mais presente também. Mas mesmo não vivenciado o dia a dia, eu assumo responsabilidades com a Casa, com a minha família de Santo e sempre que eu venho a minha participação é intensa. **Lá no Brasil a família de Santo é mais homogênea, eu convivia apenas com brasileiro. Aqui convivo com pessoas de diferentes partes do mundo: de Israel, da Suécia, de Portugal. Convivo com diferentes culturas e ideologias que comem, rezam, cantam e dançam juntas para os Orixás! É uma experiência nova com muitos desafios, mas se eu for fazer um balanço de como a minha vida se desenvolveu depois do Candomblé eu diria que é muito positivo.**

O Candomblé

Para princípio de conversa eu não fui iniciada no Candomblé Ketu, seguimento desta Casa.

Minha iniciação foi no Tambor de Mina, religião afro-brasileira que tem sua base no Reino do Antigo Daomé, localizado na área do atual país de Benim. No Brasil, o Tambor de Mina, tem seu eixo principal na cidade de São Luiz do Maranhão. No Maranhão se

centralizam muitas Casas, como: a Casa das Minas, que é o terreiro mais antigo, fundado em meados do século XIX por Maria Jesuína que era, na verdade, a Rainha Nã Agotimé, da família real de Abomey, mãe do rei Guezô do Daomé, trazida como escrava para o Brasil. Temos também o Terreiro de Iemanjá e outros terreiros extintos que foram muito importantes para a existência do Tambor de Mina.

O Tambor de Mina cultua Voduns, Orixás e Encantados (gentis ou caboclos, que são espíritos de reis, nobres, índios, turcos etc.) No sul do Maranhão temos o Terecô que também integra o Tambor de Mina. Esta religião tem muitos elementos do Candomblé, mas é mais voltada para as forças de Exu do que dos outros Orixás. O chefe desta falange espiritual é o Légua Boji da Açucena Trindade.

Quando eu passei para o Candomblé Ketu, deixei de cultuar os Voduns e passei a cultuar os Orixás, para esta mudança de culto nós dizemos: “Eu troquei de águas.”.

No Culto do Tambor de Mina a língua litúrgica é o Jeje ou Fon. O Fon era a língua oficial do antigo reino do Daomé. Vodun significa Deus, em Fon. Já aqui no Candomblé de Ketu a língua litúrgica é yorubá. Eu tive que aprender do zero uma nova língua, yorubá! Os conhecimentos que tenho do Tambor de Mina eu

guardo como uma herança de vida em mim.

Sobre o processo de migração para Alemanha:

Eu vim para Alemanha para estudar o idioma e ingressar numa universidade alemã. Em um ano vivendo na Alemanha, eu aprendi um alemão que já me dava condições de interagir muito bem com as pessoas e de ser independente. Entrei na universidade para fazer um curso que iria reconhecer o meu certificado de segundo grau do Brasil, mas, nesse meio termo, eu engravidei do meu primeiro filho e não consegui levar o curso a frente.

Em casa, com meu ex-marido, a gente só falava alemão. Isso foi muito importante para a minha fase de adaptação, porque eu entendi que quanto mais eu me entrosasse com a língua alemã e com os alemães, mais eu iria entender sobre essa língua e sobre essa cultura. **A língua, ela tem muito a ver com a forma de pensar de um povo, com a sua cultura. Se a gente se esquivar do processo de integração social, fica muito mais difícil entender as diferenças entre os idiomas. Aprender a forma de pensar do povo alemão foi muito importante para compreender a língua. Eu me dediquei muito a entender esta forma, hoje eu posso dizer que tenho uma capacidade muito grande de compreender a estrutura de pensamento desse povo.** Com os meus filhos, eu falava português, mas percebi

que na escola ele misturava as duas línguas e aí passei a falar só alemão com as crianças.

Há pouco tempo eu decidi voltar a estudar alemão, comecei a frequentar uma escola para adultos, para tirar o certificado que dá o direito de entrar na universidade. Eu tive a coragem de pegar alemão como matéria principal, li e interpretei vários autores alemães como o Goethe. Eu me sai bem, passei na matéria e, no ano passado, em dezembro, fiz a prova de conclusão e tirei meu certificado. Decidi estudar na RUB Ruhr Universitat Bochum me matriculei em 2 cursos: religião românica com foco na língua espanhol. Em um dos cursos vou estudar as religiões. O eixo da minha pesquisa será as religiões de matriz africana nos Estados Unidos e, especialmente, na América Latina. Entender o culto dos Orixás e Voduns dos negros que foram escravizados nos Estados Unidos, as Santerias Cubanas que tem suas raízes na religião Yorubá, o Vodun haitiano e a resistência negra no Haiti, além de toda a riqueza dos desdobramentos das religiões africanas no Brasil.

O Ilê me ajuda a compreender a Alemanha pelo viés religioso. Aqui temos mais tranquilidade do que no Brasil para manter essa Casa de Candomblé viva. Porque a Alemanha nos dá o mesmo direito que de culto do que qualquer outra religião. Quando olhamos para o Brasil, vemos o que acontece com as religiões

de matriz africana: são alvos da intolerância. A discriminação, perseguição e violência contra os adeptos só cresce.

O meu primeiro contato com a espiritualidade - que me carrega e que eu a carrego.

Tudo começou em São Luiz do Maranhão. No Maranhão eu frequentava várias casas de Tambor de Mina, uma delas foi o Terreiro de Dona Lurdes. Eu participava das sessões e tambores que ela fazia. Eu tive uma vizinha que foi muito importante na minha vida espiritual também. Ela tinha o cargo de Mãe de Santo, só que ela não queria seguir. Ela sabia de tudo que tinha que fazer, mas não fazia. Inclusive ela é de Obaluaiê como eu. A minha vizinha começou a adoecer e tem a ver com a negação de assumir sua missão espiritual. O que é normal na nossa religião, quando temos uma energia e não cuidamos há um desequilíbrio físico. Ela poderia ter tentado equilibrar sua energia sem precisar assumir um cargo. Enfim, mas foi com ela que eu aprendi muito a respeito dos cultos dos Voduns, da espiritualidade. A cidade onde morávamos tinha um senhor que fazia de vez em quando o tambor, dava para escutar de lá de casa. Era tão legal! A minha mãe não permitia que fôssemos lá, mas a nossa infância tinha o ritmo dos tambores. A gente adorava escutar, aquele som alto! Eu achava o máximo! Eu sei cantar para todos os Encantados e Entidades, porque

faz parte da minha infância. O contato com a minha espiritualidade é de berço. Quando criança, eu ia para sessões de cura nos terreiros. Recebia passe, e a gente cantava para toda Encantaria; “A mãe d’água preta do rio já vem. A mãe d’água preta do rio já vem. Mas ela vai entrar no coro eu não sei de quem. Mas ela vai entrar no coro eu não sei de quem.” Esta canção se canta para uma Encantada das águas doces. Quando eu cantava parecia um chamado, sentia como se ela estivesse falando diretamente comigo. Eu sabia que eu era das águas desde criança. O tempo todo o ciclo se renova, e minha espiritualidade estará sempre presente não importa o lugar que eu esteja no mundo. Eu vou carregar meus Voduns e meus Orixás e eles vão se apresentar! Eu não me sinto só!



5 Vera Regina Menezes

Quando nos sentimos bem no olhar e na maneira de ser de uma pessoa, o abraço será uma troca e aí não tem como não ser gostoso. Eu adoro abraçar as pessoas que eu gosto! **O abraço é das boas emoções que ponho para fora.**

Eu me apresento como Vera Regina Menezes, nome de casada Schneeberg. Eu nasci no Rio de Janeiro, em Niterói, Brasil. Tenho 69 anos. Tenho uma família maravilhosa que mora no Brasil, sinto muita saudade da minha família. Nós brasileiros temos esta afinidade familiar, somos família. Eu tenho muitos irmãos, são 12 irmãos, e todos são pessoas maravilhosas!

Estou na Alemanha desde 1983. Vim para Alemanha porque a minha irmã, em 1979 – na época ela tinha 40 anos de idade –, conheceu um alemão no Rio e se apaixonaram. Ele é um senhor maravilhoso, tinha de 70 anos de idade. Cinco anos depois, a minha irmã me convidou para vir morar aqui. Depois que cheguei na Europa fui para Itália, França, Inglaterra, antiga Eslovênia, Áustria, Suíça e depois voltei para Berlim e fiquei aqui até hoje. Eu me casei, tenho minha filha que tem 30 anos. Tenho meu neto! Eu ganhei um neto que vai fazer 3 anos, é uma gracinha!

Eu saí do Brasil por vários motivos. **Em especial, porque o Brasil é um país ingrato. Ele não dá oportunidade para seus filhos. Temos propósitos**

de vida, queremos conquistar nossos sonhos, mas não conseguimos de jeito nenhum no Brasil. Isso me entristece e me entristeceu muito. Quando eu trabalhava no Brasil, não tinha chance de evoluir. Porque o governo brasileiro está sempre tirando o que é de direito nosso. Então, infelizmente, vim buscar esse direito no país dos outros. **Aqui temos uma estrutura que nos olha com outros olhos. Existe colaboração, existe ajuda para seguir em frente. Eu acabei me apaixonando pela Alemanha e nunca mais voltei para o Brasil. Tem tanta riqueza nosso país, mas perde seus filhos por ingratidão. As pessoas são carinhosas, mas falta honestidade. Falta caráter! É o que penso do nosso lindo, rico e maravilhoso Brasil.**

Eu sou uma cigarra, não precisa nem abrir o sol eu estou cantando! Eu sempre gostei de cantar. Em 1970, eu cantei no programa do Chacrinha. Eu fui caloura escondida do meu pai, porque meu pai era muito severo. Ele não me daria apoio. Mas eu fui escondida e acabei ganhando o prêmio melancia. Eu sempre cantei em coro, nunca fui a cantora. Chegando aqui em Berlim um amigo meu escritor, que trabalhava comigo numa cantina francesa, falou que eu cantava muito bem. Eu vivia cantarolando na cozinha. Ele me chamou para montar uma banda. Eu disse: “Vamos montar uma banda, vamos nessa!” Talvez alguém conheça o João, o sobrenome dele agora esqueci. É um escritor brasileiro que viveu aqui, mas voltou para o Brasil. Ele

escreve contos para crianças. “João Guimarães, Vera, ele é meu amigo”, completei. Sim, eu sou a cantora da Banda de João Guimarães, fizemos um CD de música experimental. Foi este CD que dei para o Gustavo e para você, Virginia. A música experimental não é a minha preferida, mas foi muito bom. Nos apresentamos em vários lugares aqui na Alemanha. Eu também já fiz muito teatro no Brasil, já fiz teatro aqui na Alemanha também. Essa vida de artista eu adoro!

Ilê Obá Sileké

O Candomblé é uma religião ancestral, uma das religiões mais antigas da história. E o Candomblé não é restrito para o povo preto. Não é uma religião de quem é preto. O Candomblé não tem raça, gênero ou classe. Nada disso tem importância nesta religião. O Candomblé tem as portas abertas para todo o mundo. Ninguém nos ensinou a maneira que temos que receber as pessoas dentro desta Casa, nós sentimos a força que nos guia. Essa força se traduz, em dar amor. A gente dá amor. Porque o amor gera amor seja lá aonde for ou com quem for.

Eu sou uma *Iyabassé* dentro do Candomblé, a pessoa responsável pelo preparo dos alimentos sagrados.

Eu me tornei uma *Iyabassé*, porque sou uma das filhas mais velhas da Casa. Além de ser aposentada e, por isso, ter mais tempo do que as pessoas mais

novas. Eu gosto muito de cozinhar, mas esse cargo chegou por acaso do destino. Nós aqui somos um grupo pequeno, as pessoas trabalham e não têm tanto tempo livre, e isso conta muito na hora de organizar as tarefas. **A cozinha para mim é um lugar sagrado. Principalmente, quando estou cozinhando para os Orixás ou para as pessoas que vêm aqui dar oferenda para o Orixá.** Quando as pessoas vêm jogar búzios com o Pai de Santo e aparece alguma obrigação para fazer, sou eu que cozinho para elas. **As Iyabassés têm uma lista dos preparos das comidas sagradas. Quando a Iyabassé está cozinhando, uma coisa boa vem de dentro da gente e vai para cima da comida que estamos preparando. A gente reza e pedi para o Orixá proteger a pessoa que está fazendo a obrigação, pedimos para que o pedido dela siga por um bom lugar.** Não é uma prática obrigatória, mas é uma coisa que faz muito bem para a gente! Para mim, como *Iyabassé*, isto é muito importante e eu faço com muito carinho.

O Ilê, aqui na Alemanha, é a nossa Casa. Aqui é o nosso canto! Aqui é onde a gente encontra o Candomblé junto com nosso Pai Murah. Antes de abrir esta Casa, eu e o Murah já erámos amigos de sair juntos, cantarolar, tomar cerveja. Depois o Murah assumiu a responsabilidade de líder espiritual e abriu o Ilê Obá Sileké. O Ilê começou numa casinha pequenininha, naquela época eu tinha dúvida se esse era mesmo

o meu caminho espiritual. Porque antes de ser candomblecista, durante mais ou menos 9 anos, eu fui budista. Neste período, eu estava em busca de uma religião. Eu queria ficar fixa dentro de uma religião.

A minha família vem da tradição cristã, o meu pai era protestante. Mas nós não frequentávamos a igreja. A minha mãe era rezadeira, ela intuía sua espiritualidade ancestral. Ela colocava uma folha atrás da orelha e com raminho de ervas, não lembro o nome, rezava as crianças da comunidade. As rezadeiras têm o destino de curar pela fé. Mas o meu pai nunca a deixou participar essa atividade plenamente. Minha mãe tinha suas imagens de fé – quase todo brasileiro antigo tinha, perto da porta de entrada de casa –, mas meu pai não quis as imagens. Ele não aceitava imagens de santo em casa. Nós não conseguimos frequentar nenhuma outra religião, porque meu pai proibia.

Aqui na Alemanha, ao encontrar o Murah, fui percebendo como a minha espiritualidade no Candomblé é algo que vem de dentro. Não é uma escolha nem uma obrigação é algo de coração. O Candomblé é um sentimento na minha vida. Você sente o Candomblé. Você sente a necessidade do Outro. Você quer saber como o Outro está. Você quer acolher, ajudar e quer estar junto.

O que é a espiritualidade? É a água. É o vento. É a

folha. É tudo que é natural. Tudo que mexe com a Natureza é espiritual. Na areia, ali dentro, a gente encontra força. Isto é espiritual para mim. Eu encontrei aqui dentro desse a Casa, do Ilê, a Natureza.

E nós estamos bem, graças a Deus. Nós procuramos receber as pessoas nesta Casa da maneira que a espiritualidade nos faz sentir – que é a força de carinho infinita. É essa força que procuramos mostrar no Ilê. É esta força que o Candomblé nos mostra e exerce em nós para que possamos receber bem as pessoas, ter carinho pelas pessoas.

O que a gente quer mostrar é que esta força não tem que se apagar, que ela não pode parar. No Brasil, lá onde tudo começou, estão tentando minar essa força. Detonando, cortando perseguido, por ignorância, as Casas de Candomblé. Por não entender o que é esta religião. A gente do Ilê está querendo que essa força viva, que vá para frente e que outras pessoas a conheçam. Temos a oportunidade de estar na Alemanha e de poder falar sobre o Candomblé sem tabu. E é por isso que nós estamos aqui para dizer simplesmente: Nós somos do Candomblé! O Candomblé tem que viver.

A gente precisa mostrar esta Casa para que o público saiba da existência do Ilê, única casa de Candomblé da Europa. É esta espiritualidade que acreditamos e que queremos que ela continue por gerações e gerações!

Esta espiritualidade que é a nossa raiz, nossa ancestralidade que está sendo cortada de dentro, do seu berço Brasil. Esta espiritualidade afro-brasileira que nasceu da escassez e da sabedoria do povo africano, esta espiritualidade que não está atrelada ao Capital e sim a Natureza – numa época dessa, quando a gente mais precisa – o Candomblé está sendo detonado no Brasil. É triste. Então já que nós estamos aqui na Alemanha – onde o Estado mantém uma posição neutra e tolerante frente a todas as religiões –, temos a oportunidade e a garantia de praticar livremente o Candomblé. **As religiões aqui convivem pacificamente, então vamos aproveitar que estamos aqui e expandir.**

Estávamos precisando mostrar a beleza dessa Casa e, de repente, do vento apareceu você, Virginia. E aí, pô! Era disso que estávamos precisando, pelo amor de Deus! (risos) Então estamos supercontentes de participar desse projeto e ter também o Gustavo, este artista daqui do Ilê, que está sempre por trás das câmaras. A gente sempre vê filmes que ele fez e, agora, ele está aqui trabalhando junto com a gente! Isso é muito maravilhoso! Pelo menos, para mim esta experiência é formidável! Você vê quando entramos aqui nesta casa, não temos tempo de nada, é muito trabalho. Não temos tempo de olhar um para o outro, de sair daqui e bater um papo porque saímos daqui muito cansados. E de repente aparece você do vento e nos dá esse tempo. É maravilhoso! Parabéns!

6 Nitzan

Meu nome é Nitzan, tenho 29 anos de idade. Faz 1 ano e meio que moro, aqui, em Berlim. Eu nasci em Israel. Sou neta de avós que sobreviveram ao holocausto. Eu mudei para Berlim por causa do Candomblé, mudei por causa desta Casa. O Ilê que me convidou para fazer parte deste processo espiritual que está acontecendo aqui na Alemanha.

Eu conheci o Candomblé através da Capoeira de Angola e conheci a Capoeira de Angola através do Samba de Roda. Tem um grupo de Capoeira de Angola em Haifa, um amigo meu fazia parte e um dia me chamou para uma festa. Nesta festa, eu me apaixonei pelo Samba de Roda, comecei a treinar Capoeira de Angola e depois de 10 meses eu fui para o Brasil. Passei 1 ano no Brasil. Eu já tinha contato com o Brasil. A minha avó, depois que a família fugiu da Europa, passou 14 anos morando em São Paulo. A minha mãe nasceu em São Paulo, mas a minha família saiu de lá quando ela tinha 3 anos de idade. Então, a cultura brasileira e a língua portuguesa não eram presentes na minha família. Mas esta ligação existe, por exemplo, eu tenho documento brasileiro. O Brasil não faz parte da cultura da família, mas faz parte da história.

Eu fui viajar por um ano, que é algo bem comum na cultura de Israel. Minha ideia era viajar por vários países da América do Sul, mas cheguei no Brasil e fiquei. No Brasil eu viajei através da Capoeira, fui

recebida pela família de amigos capoeiristas, fiquei hospedada na casa de Mestres da Capoeira, de Senhores do Samba que me abraçaram para a vida deles. **Dona Nicinha do Samba é uma senhora com o coração enorme que me recebeu na casa dela no Recôncavo Baiano. Ela é uma mãe! Ela é minha mãe! Ela também é do Candomblé.** Eu estava viajando pela Bahia com o Mestre Limãozinho de São Paulo, conhecendo as pessoas mais importantes da Cultura do Samba de Roda no Recôncavo. Ele quem fez meu contato com Dona Nicinha, ela tem um Grupo de Samba de Roda em Santo Amaro da Purificação. Depois desta viagem pelo Recôncavo, eu continuei viajando. **Mas fiquei encantada com a comunidade do Recôncavo Baiano, tem algo lá que nos falta no mundo moderno - a simplicidade no viver. Estar simplesmente um junto com o outro, ajudar um ao outro, acordar de manhã fazer um café e chamar o vizinho para tomar café junto, sentar-se na varanda e olhar as pessoas passando de um lado para o outro. Foi a grandeza destas coisas pequenas que me tocaram no Brasil.** Meu irmão Amil chegou para viajar comigo durante 2 meses, eu voltei como ele para o Recôncavo e Dona Nicinha nos recebeu na sua casa. Foi a partir daí que nossa relação ficou bem forte. Ela é uma fonte enorme de Axé, de carinho e de orientação.

Na Capoeira existem muitas pessoas que fazem parte do Candomblé, o povo de Santo. Eu, praticamente, não participei de nenhum ritual no Brasil, mas convivi muito com pessoas que faziam parte dessa cultura e dessa religião. **Quando eu cheguei no Brasil eu era ateia. Mas saindo do Brasil, depois de 1 ano, eu já sabia que eu iria iniciar no Candomblé. Foi um processo bem devagar e bem profundo. Eu pensei: vou voltar para Israel, organizar a minha vida e mudar para Bahia. Vou achar um terreiro, um Pai de Santo, um Babalorixá e vou entrar numa comunidade de Candomblé no Brasil.** Voltei para Israel e depois fui para o Brasil mais duas vezes. Fui visitar a Dona Nicinha do Samba e Nina, que é brasileira e uma filha de santo daqui do Ilê. A Nina que me convidou para vir conhecer esta Casa, o Ilê Obá Sileké.

Entrei nessa Casa como visita e saí sabendo que a Casa estava me chamando. **Foi um processo bem lento, aceitar que eu não iria mais mudar para o Brasil, mas sim para Europa – especialmente por conta da história da Alemanha contra o meu Povo.**

Agora estou aqui, estudando e construindo uma vida em Berlim. O motivo de mudar para Alemanha foi o Ilê, eu nunca mudaria para Europa se não fosse esta comunidade.

No dia que entrei pela primeira vez nesta Casa, senti

que as portas estavam abertas para mim, para chegar como parte da família e não como uma simples visita. Eu demorei 3 meses para entender que eu queria fazer parte desta Casa, fazer parte desta família, e demorou 2 anos até eu mudar para cá.

Não fui eu que escolhi a Alemanha foi a Casa que me escolheu. Foi o meu Orixá que escolheu esta Casa. Eu senti que era algo que eu precisava aceitar, realmente não foi uma escolha minha. Eu vim acompanhando meu Orixá. Eu escolhi o Candomblé e Oxum escolheu a Casa.

Aqui na Casa eu sou yawô. Tenho 1 ano de Santo, isto significa que estou bem no início do caminho espiritual. Eu estou nesta Casa para servir e ajudar no que for preciso. Eu ainda não tenho um cargo que seja meu. Eu tenho responsabilidades pequenas como: arrumar a despensa, limpar, lavar louças e ajudar as *Iyabassés* no que precisarem. Na verdade, estou aqui como ajudante das pessoas mais velhas, para ir acompanhado o seu trabalho e ir aprendendo aos pouquinhos. Eu acho que é bem isto: acompanhar o dia a dia e devagarinho aprender mais e mais e fica mais forte e ajudar as outras pessoas.

Isto faz parte da comunidade, certo? Que sozinho ninguém pode fazer. Perdi esta frase, não deu certo meu português. (risos)

A minha família é judia, mas em Israel é bem comum ter a identidade judia sem ser religioso. Coisa bem difícil de explicar quando você mora fora de Israel. A gente comemora os feriados religiosos, mas de uma maneira que não é religiosa. De uma maneira que se resume em reunir a família e fazer um jantar, mas seguir as regras religiosas, isso não. Isto nunca fez parte da minha criação. A minha mãe é bem espiritualizada, mas ela não tem um caminho fixo. Ela aprende um pouco de um caminho, vai para um outro aprende mais um tanto. O meu pai não se interessa por espiritualidade. **E eu também nunca me interessei pelo aspecto espiritual da vida até ir para o Brasil, até entender como é profundo o aspecto espiritual na Capoeira de Angola e fazer a ligação, no Brasil, entre Capoeira de Angola e Candomblé! Esta foi a minha revelação espiritual.**

Hoje o Ilê é o meu centro, deixei minha vida toda para trás para fazer parte dessa família. Se eu não sentisse a força que existe nesta comunidade eu jamais faria isso. Este é um ponto muito importante na minha vida. **Mudar para outro país pode ser um processo bem pesado, pode levar a pessoa a um sentimento profundo de solidão. Mas eu não mudei sozinha, eu mudei para uma comunidade. As dificuldades, até estabelecermos uma vida fora do nosso país, existem. Mas eu sabia que se eu tivesse qualquer problema, poderia contar com a família do Ilê. Eu sei que**

sempre vai ter alguém para estar junto comigo e, essa pessoa, vai me ajudar a carregar o peso de qualquer dificuldade que eu venha a enfrentar. O peso que nesse modelo de sociedade individualista, geralmente, temos que carregar sozinhas.

Eu e Amil, meu irmão, temos uma conexão muito forte no dia a dia. Antes de mudar para Berlim nós morávamos juntos. Ele sempre foi bem espiritualizado. Quando eu comecei este caminho, ele estava bem interessado também. Como falei estávamos juntos no Brasil. Eu senti que este lugar, o Ilê, poderia fazer bem para ele. Amil chegou para uma visita e, a primeira vez que ele entrou na Casa, a Casa também se abriu para ele. Ele acabou fazendo parte da comunidade. Ele ainda mora em Israel, temos processos diferentes. Ele faz parte da família de sangue e de santo.

Eu aprendi português viajando pelo Brasil, por conta da necessidade mesmo, me virando para comprar comida e encontrar lugar para dormir. Eu estava sozinha e ninguém falava inglês. O meu espanhol era mais ou menos, mas me ajudou muito. Os meus amigos tiveram muita paciência comigo e com meu português quebrado até que acertei falar. Acho que demorou de 3 a 4 meses para aprender o suficiente para conversar. **Faz um ano e meio que estou na Alemanha, mas não falo alemão. Eu estudo em inglês, eu trabalho em hebraico e eu vivo minha vida aqui em português. O alemão**

não tem muito espaço no meu dia a dia por enquanto.

Espero que depois de terminar os estudos, eu consiga tirar mais tempo para aprender alemão. Eu estou na Alemanha, faço tantas coisas aqui, já tenho amigos, o Ilê está aqui! **Berlim é a cidade dos imigrantes, aprendendo alemão vou conseguir integrar esta parte da cidade na minha vida.** Os lugares hebraicos e judaicos me acharam. Eu, realmente, cheguei aqui não querendo este contato. Até hoje eu não fui ao Museu do Holocausto ou para qualquer lugar que tenha a ver com a história judaica na Alemanha. Mas eu trabalho com crianças judias, foi a maneira que encontrei para me manter financeiramente. A pessoa responsável por esta comunidade me pediu ajuda para criar um projeto de apoio para pessoas que, mudaram de Israel para Berlim, e estão passando por várias dificuldades. Eu acabei sendo responsável por este projeto. Eu não procurei este trabalho, mas aconteceu. Eu estudo assistência social e direitos humanos.

Minha avó não tinha contato com o Candomblé. Mas na casa dela tinha desenhos que, depois de conhecer o Candomblé, percebi que tinham ligação. Como a representação de uma oferenda para Iemanjá que antes eu não fazia ideia do que era. A minha avó é uma pessoa muito importante na nossa vida. Ela quem criou a gente, dando muito amor e carinho. A minha avó também tem um carinho muito grande pelo Brasil e pela cultura brasileira. Ela foi uma das pessoas que

mais apoiou a minha mudança para cá. Ela já veio me visitar umas 3 ou 4 vezes, participou dos rituais e rezou em Yorubá com a gente. Eu acho que a sua história de sobrevivência ao holocausto lhe fez uma mulher muito forte. Ela precisou fazer uma série de mudanças. Mudou para Argentina, depois para o Brasil, voltou para Europa e depois mudou para Israel. Esta é uma história bem típica do povo judeu. Eles sempre foram mandados de um lugar para outro. Sempre precisavam se proteger e se defender. Para mim esta história também tem um ponto de ligação com a resistência negra que é o fundamento da religião do Candomblé.

7 Nina Graeff

Meu nome é Nina Graeff. Meu sobrenome vem da família do meu pai, meus avós são filhos de alemães. Eu vim de Porto Alegre, Sul do Brasil. Eu sou musicista, atuando principalmente como Pesquisadora de Antropologia da Música. Eu vim para Alemanha para estudar música, vim estudar piano quando eu tinha 22 anos. Sou pianista. Eu terminei a Faculdade de Publicidade em Porto Alegre e vim para Alemanha. Meu namorado também era pianista, decidimos vir juntos para Weimar. Mas acabei passando na Universidade em Estrasburgo. Fui estudar lá e acabei morando 2 anos na França. Mantive meu relacionamento e, terminando os estudos em Estrasburgo, voltei para Weimar. Eu, realmente, preferiria viver na França, mas voltei por causa do meu namorado.

Em Weimar, fiz Mestrado em Antropologia da Música – Etnomusicologia e comecei a trabalhar com pesquisa. Foi quando conheci o Tiago de Oliveira Pinto, que é chefe da Cátedra UNESCO de “Transcultural Music Studies” da Universidade de Weimar. Ele foi quem me tirou de Bach, de Beethoven – dos compositores alemães que vim estudar na Alemanha –, para iniciar os estudos sobre Música Brasileira. Isto aconteceu porque ele me levou para Bahia. Foi em 2010. Ele me levou para o Recôncavo Baiano e eu fiquei muito comovida com a energia das pessoas de lá. Santo Amaro da Purificação foi a cidade do Recôncavo

que fiquei mais tempo. A cidade em si não tem nada de muito especial. É uma cidade bem decadente, mas a energia das pessoas é algo incrível! A generosidade delas me fez querer dedicar meus estudos e pesquisas àquela cultura. Foi aí que começou a minha pesquisa sobre Samba de Roda e o meu primeiro contato com o Candomblé. Eu nunca havia me identificado com a cultura brasileira até sair do Brasil. Em Weimar, eu e meu namorado erámos meio arrogantes, a gente não queria se misturar com brasileiro. Mas depois que fui para Bahia tudo mudou.

Na Bahia nós fomos em alguns rituais de diferentes terreiros e todos me diziam que eu era filha de Oxum, meio Oxum e meio Iansã. **No Recôncavo Baiano eu conheci Nicinha do Samba, que é de Iansã. Nicinha é uma mulher que eu admiro muito! Uma mulher muito forte, a grande matriarca de Santo Amaro da Purificação. Só de olhar para ela, observar o jeito dela, eu já senti uma grande admiração.** Eu sempre admirei Iansã por isto, por ser essa mulher forte! Mulher que vai com o vento, impetuosa. Era, um pouco, algo assim que eu queria ser na vida, mas ainda não era. Agora, me tornei um pouquinho mais Iansã. (riso) Na Bahia eu senti uma grande admiração pelo Candomblé, mas senti também muito medo. Eu acho que é muito comum as pessoas terem medo, não quererem mexer com uma energia que não conhecem.

Voltei para Alemanha com vontade de fazer uma pesquisa de campo, para o Mestrado, em algum terreiro de Candomblé na Bahia. Mas eu tinha medo de ir sozinha. Foi então que eu tive meu primeiro sonho com Iansã. Foi um sonho bom, mas também povoado de medo.

Depois que terminei o Mestrado, trabalhei ainda em alguns projetos em Weimar. Mas eu nunca gostei de Weimar, eu nunca quis ir para lá e eu já estava meio deprimida. Foi aí que resolvi mudar para Berlim. Eu não tinha nada certo em Berlim, mas queria fazer doutorado aqui. Eu comecei a escrever um projeto sobre samba, Candomblé e capoeira em Berlim e na Bahia. Eu já sabia da existência do Ilê Obá Sileké, eu tinha visto na internet. Eu senti que era possível fazer a pesquisa de campo neste terreiro, foi isso que me moveu para Berlim.

Eu sempre fui bastante dependente emocionalmente nos meus relacionamentos amorosos. Vivia trocando de relacionamento, nunca estava só. Quando eu vim para Berlim, o meu relacionamento não estava bem e a gente acabou se separando. **Eu me vi em Berlim, nesta cidade grande, com quase 30 anos de idade e, pela primeira vez, sozinha. Eu passei um bom tempo aprendendo a lidar com esta solidão – a de não ter alguém cuidando de mim. Este foi o momento de grande mudança de entendimento da minha condição**

de mulher.

Enquanto elaborava o projeto de pesquisa fui a um ritual do Ilê, ninguém sabia quem eu era. Todo mundo achava que eu era alemã, falavam comigo em alemão, porque sou branca de olhos verdes. Este dia foi a primeira vez que vi o Babá Murah, assim que o vi me lembrei da Nicinha! Os dois são de Iansã! Naquele momento, senti uma saudade muito grande da Nicinha, fazia muito tempo que eu não a via e, imediatamente, eu me identifiquei com o Murah e com a Casa. Eu admirei a energia naquele lugar! Tanto o Murah como a Nicinha têm muito calor humano e, além de serem calorosos, são como o vento! São filhos de Iansã, Orixá dos ventos e tempestades, pessoas criativas, intempestivas e que fazem as coisas do seu jeito!

Depois voltei no Ilê para fazer um Workshop de Dança e assistir a uma palestra do Babá Murah. O Babá contou a sua trajetória de vida em Berlim, falou do Ilê Obá Silké, primeira casa de Candomblé da Alemanha que abriga também, na mesma propriedade, o Centro Intercultural Fórum Brasil. Ele falou do Carnaval das Culturas de Berlim e do Grupo Afoxé Loni formado pela comunidade do Ilê. Naquele dia, eu o admirei ainda mais, ele e o seu marido Martin Titsck. Vi que havia uma vaga de estágio no Ilê, eu estava desempregada e decidi me candidatar para o estágio. Fui falar com

o Martin, com aquelas objeções de antropólogo: Será que vou conseguir acesso ao Candomblé? É tão difícil. É tudo tão fechado. Na reunião, o Martin me perguntou se eu me via mais como gestora cultural no Fórum Brasil ou como assistente do Pai de Santo, o Babá Murah. (risos) Eu fiquei meio sem entender, não soube nem responder na hora... Como assim assistente do Pai de Santo? Resultado, eu me tornei assistente de Babá e como assistente eu pude participar de todos os rituais internos. Isso aconteceu, uma semana antes de conseguir a minha Bolsa de Doutorado. Eu ainda estava trabalhando em Weimar, foi aí que resolvi me demitir e deixar o meu passado em Weimar para trás. Um passado marcado por traição amorosa e profissional. Quando larguei este passado, abriu-se um novo caminho. Fui aceita imediatamente para trabalhar na Ilê, me ofereci também para ser voluntária no Fórum Brasil e saiu minha Bolsa de Doutorado de 3 anos. Tudo de repente.

Durante o doutorado, eu vinha no Fórum Brasil toda semana. A ideia era ficar 6 meses aqui e depois sair para pesquisar a capoeira. Passaram-se os 6 meses e eu continuei vindo para cá. Eu sentia saudade do Babá, não conseguia parar de vir. Neste processo, eu senti confiança de jogar os búzios. Eu sempre tive muito medo do que os búzios iriam me dizer. Eu tinha medo de que me dissessem: você é do Candomblé, você tem que se iniciar ou você tem o cargo de Mãe de Santo.

Eu tinha medo, porque o que quer que o oráculo me revelasse, eu levaria muito a sério. Mesmo, na época, sendo espiritualmente uma pessoa muito cética. Eu era cética quando via um espírito: “Tá bom, mas isso não é um espírito, gente. Isso é um outro estado de consciência, mas espírito não é.” Mesmo descrente, eu gostava dos espíritos. Eu gostava muito! (risos) A gente se animava com a chegada de Seu Ventania e dos Caboclos. **Depois entendi que eu era avessa às instituições religiosas, mas não às crenças religiosas. Eu sempre fui uma pessoa de fé, de rezar, de cuidar, de energizar cristais. O Candomblé era um pouco a sistematização das várias crenças que eu tinha.**

Eu não consegui sair do Ilê, mas também não conseguia me entregar à religião. O Murah aceitou que eu frequentasse como visita. Eu sempre fui muito bem recebida pela comunidade. Depois fui para o Brasil fazer minha pesquisa em Santo Amaro da Purificação, entendi que a relação das pessoas, quando crescem dentro do Candomblé, é diferente. Elas não necessariamente precisam passar por uma iniciação. Eu pensei que eu também não precisaria me iniciar para fazer parte do Ilê. **Quando voltei para Alemanha, comecei a ter sonhos muito reveladores. Eram sonhos intensos que se relacionavam. Isso acontece com todo mundo depois de uma experiência espiritual. Os sonhos eram, também, em relação a minha família, em especial a minha mãe – mas também em relação à**

mudança do meu projeto de vida, até então eu só havia pensado na vida como uma conquista profissional. Eu comecei a ter um contato mais íntimo como a minha Orixá, Oxum, e foi então que decidi fazer a iniciação.

Eu ainda não fui iniciada, mas a promessa já foi feita para a minha Orixá. Vai ser quando ela quiser. Foi aí que, realmente, entrei no Candomblé. Isso foi em 2016, quando eu estava escrevendo a tese.

O meu processo de escrita etnográfica, levou-me para aprender o tema da minha da tese através do corpo. O meu corpo foi atravessado pelo Candomblé. Na medida que eu ia escrevendo a tese eu me transformava. Eu me tornava cada vez mais aberta e mais alegre! Eu aprendi a sorrir! Eu aprendi a abraçar as pessoas! Eu aprendi a ser muito mais sociável. Percebi como eu era uma pianista bem individualista e uma mulher bastante reprimida. Percebi que eu estar sempre com um namorado que me protegia e, esta, era uma forma de não me mostrar para o mundo.

Quando eu joguei os búzios, os Orixás estavam em guerra, não dava para saber se o meu Orixá era Oxum ou Iemanjá. Precisei fazer um ritual para depois jogar novamente e, no período do não saber, fui vendo que eu queria ser Filha de Oxum! Eu me identificava mais com Oxum, mulher do amor-próprio, da arte e da sensibilidade. Mulher que realiza as coisas pensando em si, diferente do amor de Iemanjá. Iemanjá é amor

de doação, amor de família, amor que inunda. Eu fui percebendo que eu não era essa pessoa, e que as qualidades de Oxum me eram mais próximas. Nas leituras de Oxum, sempre falava que ela era uma mulher muito vaidosa. Eu nunca fui vaidosa, embora agora eu seja um pouco mais. Depois entendi que existem diferentes qualidades de Oxum, a qualidade da minha Oxum é Apará. Ela é menos vaidosa.

Eu fui me descobrindo enquanto descobria Oxum e o Candomblé. Todo mundo percebia a minha transformação. Eu era bem fechada, bem tímida, nem mostrava os dentes quando sorria. Eu ia embora dos lugares sem me despedir das pessoas. Porque eu achava que ninguém me percebia. No Candomblé comecei a perceber que eu tenho um brilho, e que esse brilho contagiava as pessoas. Comecei a perceber que as pessoas me notavam, eu que não me notava. Foi algo que o Babá leu nos búzios: você entra nos lugares as pessoas percebem que você entra, esta é uma qualidade de Oxum.

Hoje percebo que vivi me escondendo, como me escondi atrás de namorados por tanto tempo. No Candomblé começou a aflorar o meu amor-próprio, o meu brilho e a minha sensibilidade. Eu comecei a escrever poemas. Eu sempre escrevia um ou outro, mas de repente foi uma cachoeira de poemas. Uma fertilidade de poemas! Escrevi 300 poemas em alguns

meses. E não demorou para eu começar a realizar o meu maior sonho: compor músicas. Isto aconteceu de uma maneira muito natural. Antes eu não me achava capaz, eu não me achava criativa e me cobrava muito. De repente percebi que as composições não precisavam serem perfeitas, o que importava era o sentido e o valor que tinham para mim. Hoje eu tenho várias composições. A minha sensibilidade começou a aflorar, eu comecei a ter mais autoconfiança, amor-próprio e fui me tornando uma Mulher Feminista. Fui percebendo como a minha família era reprimida e repressora.

O Candomblé, sob a luz dos Orixás, foi me tirando dessa sombra. Eu não me tornei uma Iansã, Orixá que tanto admiro. Mas tudo bem, eu não sou filha de Iansã. O Candomblé me mostrou que posso existir dentro da minha timidez, mas com autoconfiança. Sabendo que ser tímida tem várias qualidades. As qualidades dos Orixás que se complementam, tanto no mundo material quanto no espiritual. Isso eu aprendi no Candomblé! Vendo pessoas de diferentes Orixás convivendo com suas diferenças. Vendo que cada um tem o seu lugar, o seu papel e a sua capacidade. Eu sou mais quieta, mas tem alguém de Ogum que me arrasta para um lugar. Tem uma filha de Iansã que diz: “Vamos lá mexe, você é muito sonsa.” O Murah sempre me fala que sou sonsa. Eu aceito que sou sonsa e eu gosto que tenha uma Iansã para me basculhar, para me

tirar do lugar.

Já faz 7 anos do primeiro dia que entrei aqui como estagiária, assistente do Pai de Santo. Eu acompanhei bastante a transformação do Ilê, como a Casa foi se expandindo.

Outra coisa que nunca vou esquecer, foi do meu primeiro ritual. Eu estava com muito medo, medo de fazer o ritual, medo de dormir sozinha no *roncó*, que é o espaço sagrado onde ficamos recolhidos. Acontece que, neste dia, eu fui tão bem cuidada pela *equedi* Erica e pelo Babá Murah. Eu me senti tão acolhida, que depois de feito o ritual eu não queria ir embora. Foi muito parecido com o medo de fazer a pesquisa de campo, eu enfrentei o medo, fui para o Campo e fiquei aqui até hoje.

O Candomblé me possibilitou toda uma transformação pessoal que se tornou também profissional, graças aos Orixás. Tudo isso é graças aos Orixás! E é preciso viver para crer. A minha tese fala um pouco sobre a experiência vivida de dentro. Só quem passa pela experiência e capaz de entender a força que elas têm. Ao ler ou escutar experiências espirituais, muitas coisas podem parecer exagero. É preciso sentir no corpo, viver o dia a dia e sentir esta força aflorar de dentro de nós. Esta força que está no mundo e que chamamos de Orixás. E toda vez que cultivamos esta

força ela fica mais forte. Esta força me recolocou no mundo como mulher e me fez perceber a repressão que eu sofria, da qual muito vinha da minha família.

O título de Doutora facilitou o meu posicionamento na Alemanha. Acho que o título de Doutor no Brasil não muda muito, mas aqui na Alemanha tem peso, as pessoas te respeitam. Eu dou aula em alemão, eu sei que cometo erros na hora de me comunicar e até me reprimo por eles. Mas eu sei que o que falo tem valor, não só pela minha experiência pessoal, pelo conhecimento, mas também porque eu sou Doutora no assunto. Eu assumi um papel mais seguro de dizer o que eu penso e de certa forma, fazer justiça. Eu aprendi a me colocar e a exigir respeito, mesmo quando eu não me expresso corretamente em alemão e, até mesmo por isso.

O Ile Obá Silké não é uma casa apenas para brasileiros imigrantes que buscam um lugar de identificação. A extensão que o Ilê alcança é bem maior – tem pessoas da África, dos Estados Unidos, de Cuba, da Colômbia, de Israel. Ter alguém de Israel na Casa é algo muito especial: uma avó que fugiu do holocausto vem para Berlim para ver a neta se iniciar numa religião de matriz africana, é algo forte. Percebo que a força espiritual é bem maior do que qualquer elemento cultural. A força do Axé que está no Candomblé, na Capoeira, no Samba de Roda é muito inclusiva.

Consegui integrar e adaptar diferente culturas.

Esta força diz: Eu só estou bem se você estiver bem. O bem-estar é um sentimento coletivo e não individual. O equilíbrio vem daí. Nós nos unimos para que todos estejam bem. Esta força é algo que pertence ao ser humano, mas que o nosso modelo de sociedade individualista e competitiva aniquila.

Por isso que independente da cultura, da origem, da nacionalidade de quem chega aqui, esta pessoa vai se sentir acolhida. Ela vai sentir a energia do querer o bem que é algo maior que qualquer cultura. Eu fiz uma pesquisa com pessoas que mesmo não sendo do Candomblé passou por aqui, todas se identificaram com algo - foi tocada por alguma memória afetiva. Tem muita coisa profunda dentro desta Casa, diferente de outros lugares, que mexe com as pessoas. **O povo do Candomblé chama de Força do Orixás, o que filosoficamente pode ser chamada da força do Ubuntu.** Uma sociedade sustentada pelos pilares do respeito e da solidariedade faz parte da essência de ubuntu, filosofia africana que trata da importância das alianças e do relacionamento das pessoas, umas com as outras.

O Ilê Obá Sileké atua junto com o Centro Cultural Fórum Brasil. Existem dois acessos para entrar na casa: o espiritual e o cultural. O Fórum Brasil é a interface de negociação, a porta de entrada para a

cultura afro-brasileira, para os Orixás e seus ritos religiosos. Não que o Fórum Brasil exista como uma estratégia para trazer pessoas para o Candomblé, não é isto. Não tem nada a ver com proselitismo. **Esta junção é uma tática afro-brasileira de se territorializar, de sobreviver e conquistar um espaço dentro da sociedade. É uma maneira de resistir a toda sorte de perseguição que cultura afro-brasileira sofreu.** A capoeira foi perseguida, somente na década de 30 que se institucionaliza e deixou de ser considerada crime. As rodas de samba foram perseguidas, o samba era sinônimo de vadiagem, andar com instrumentos de percussão dava 30 dias na cadeia. Hoje o Samba é símbolo nacional do Brasil. O Candomblé ainda hoje é uma religião perseguida no Brasil, embora a Constituição Federal de 1988 define como patrimônio Cultural Brasileiro.

Para a cultura afro-brasileira não existe diferença entre Instituição Religiosa e Cultural. A espiritualidade está presente na roda de samba, na capoeira ou mesmo numa festa de aniversário. Mas na sociedade ocidental é diferente, cultura e religião estão separadas. E existe muito preconceito religioso, neste caso as manifestações culturais passa a ser uma interface de negociações. O Babá Murah sabe muito bem disso. **O Murah é formado em dança, corógrafo por profissão. Fazer workshop de dança, performances sobre os Orixás, lavagem da escadaria**

de uma Catedral em Berlim é uma forma de dar visibilidade a sua Cultura, através da linguagem artística e abrir espaço para que o Candomblé aconteça na Alemanha. O Babá veio para Berlim para trabalhar com a dança afro-brasileira, as danças dos Orixás. O Babá conduziu seu trabalho artístico de acordo com sua espiritualidade. Ele já tinha o Cargo de Pai de Santo, ele já sabia de sua missão. Num dado momento, ele deve ter visto que não iria mais voltar para o Brasil. Então acredito que ensinar dança afro numa terra estrangeira foi o primeiro passo de alicerçar o Candomblé fora do seu país. Sua trajetória de vida é construída no limiar entre espiritualidade e arte numa tradução intercultural. O Martin, marido do Babá é alemão, ele está a frente do Fórum Brasil e o Babá do Ilê Obá Sileké. Eles estão casados a 15 anos e conseguem achar o caminho do meio.

Eu não sou ativista, mas através do meu trabalho eu tento fazer algo que tenha um impacto social positivo para a cultura afro-brasileira. Desde a minha primeira publicação, busco dar visibilidade para o Candomblé. Tive a oportunidade de fazer uma publicação sobre diferenças culturais no Site da UNESCO Alemã e falei do Candomblé. **Difundo o Candomblé em Berlim como um modelo de organização social com base na aceitação das diferenças, na integração social, na solidariedade e na abertura para alteridades. No momento que o artigo está depositado no site**

da UNESCO, pessoas que não tinham nenhum conhecimento de Candomblé, vão ter acesso como referência de uma comunidade que sabe como conviver com diferenças culturais. Em outubro fui convidada para falar sobre o Candomblé no Haus der Kulturen der Welt, aproveitei a oportunidade para mostrar o que estamos fazendo aqui no Fórum Brasil. É muito bonito o que acontece aqui nesta Casa, vê pessoas chegarem para um simples visita e saírem tocadas. Trouxe meus alunos para conhecer o Ilê, eles me agradecem até hoje pela experiência. **A força dos Orixás é real e contagia e traz um bem-estar e saúde independente de ser adepto do Candomblé. Vivemos numa sociedade adoecida, esta força cura e isso é muito positivo. Eu me considero uma tradutora que faz a mediação, abre caminho e multiplica o bem que a força do Axé leva para as pessoas.**

8 Mirah Laline

Meu nome é Mirah. Sou de Belém do Pará do Norte do Brasil, lá da Amazônia. Antes de vir para Berlim, eu morei 8 anos em Porto Alegre no Sul do Brasil. O Sul do Brasil é uma região com uma imigração alemã muito forte. Eu me formei em Dramaturgia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, trabalhei como atriz e construí uma carreira de diretora de teatro muito bem-sucedida. Eu tinha duas Companhias de Teatro e um Bloco de Carnaval. Como atriz, encenei muitos autores alemães, como isto, ganhei a Bolsa DAAD. Uma bolsa bastante reconhecida, para estudar durante 1 ano em Berlim na Universidade de Artes Dramáticas Ernest Busch. Aproveitei este tempo para repensar a minha vida, a minha carreira. Porque no Brasil quem trabalha com arte vivi num estresse muito grande. Eu também estava me sentindo um pouco perdida, só ensaiando sem saber muito o que eu queria realizar de fato. **Com a Bolsa, eu vim para Berlim para dar este tempo, mas a minha vida deu uma virada mais forte do que eu esperava.**

No meu segundo mês em Berlim, eu conheci meu marido. Ele é refugiado da Síria, curdo. Ele é rapper e ator também. A gente se conheceu no Gorki Theater, foi um encontro muito louco! Depois que nos conhecemos, mergulhei com tudo no universo dele. Berlim se transformou em visitar campos de refugiados para fazer workshops, elaborar projetos, ensaiar e realizar espetáculos com eles. Encenamos um espetáculo

incrível, aqui em Berlim. **Durante 1 ano, tudo que fiz na Alemanha estava relacionado às questões dos refugiados. Eu entrei numa outra cultura, num outro mundo, a gente sabe muito pouco da guerra da Síria no Brasil.**

Antes de concluir minha Bolsa eu descobri que estava grávida.

Antes de saber da gravidez, nosso plano era ir para o Brasil em dezembro. Lian tem o sonho de conhecer o Brasil. Eu não sabia que na Síria eles amam o Brasil. Eu tinha um projeto grande para realizar no Brasil, na minha Companhia, como coprodutora. Mas o pré-requisito era que eu estivesse morando no Brasil. A gravidez foi um choque para nossos planos, mas foi também algo surpreendente. Vou contar o porquê.

Um mês antes de descobrir que estava grávida, eu tinha feito uma cirurgia aqui em Berlim. Fiz a extração de um mioma no útero, foi um período tenso e de muitas emoções. **Eu conheci muitas pessoas aqui, porque me envolvi em vários projetos e trabalhava como uma louca. Mas quando eu estava no hospital, praticamente ninguém foi me visitar. As pessoas estavam preocupadas com seus ensaios e projetos. Eu descobri que não tinha quase ninguém. Este foi meu primeiro choque em relação à afetuosidade, ao cuidado e à amizade em Berlim. No hospital, foi**

difícil! Eu tive que assinar um termo de consentimento cirúrgico, porque se desse algo de errado na cirurgia eu corria o risco de não mais poder engravidar. Eu tinha 27 anos na época. Eu acho que coloquei tanta energia de vida no meu útero, no meu corpo, sabe? Foi tudo tão intenso! Um mês depois eu descobri que estava grávida, a possibilidade disso acontecer era mínima.

Eu descobri que estava grávida no dia 21 de julho, dia do meu aniversário. Eu estava em Porto Alegre começando o novo projeto, já havia iniciado as pesquisas. Ficamos felizes, mas foi um período emocionalmente bem dramático. Lian é muito novo, ele tinha 22 anos na época. Ele foi pai aos 23 anos. Eu só fui descobrir a idade dele, um pouco antes do nosso filho nascer. Ele escondeu a idade, se dizia mais velho. Dois meses antes de concluir a minha Bolsa de Estudo, voltei para Berlim. **Vimos que não dava para voltar para o Brasil, o Lian não fala português, e eu passei a minha gravidez no período do impeachment da Dilma. Pensei: não dá para ter meu filho no Brasil, o país que eu deixei um ano atrás não é mais o mesmo. Optamos por construir nossa vida aqui, na Alemanha.** Enfrentamos uma burocracia gigantesca para nos casar o mais rápido possível, para eu ter permissão de ficar em Berlim. **Quando finalizou meu visto de estudante, eu passei um bom período com um visto provisório, que comprovava que estava fixa na Alemanha. Mas eu não tenho direito social nenhum, não podia trabalhar**

nem estudar. A única coisa que o visto me concedia era viver na Alemanha, porque eu estava grávida e casada com um *anerkannter Flüchtling*, um refugiado reconhecido. O Lian foi perseguido politicamente na Síria, perdeu seu passaporte. Aqui em Berlim ele não pode visitar a embaixada da Síria, porque tem o risco de ser mandado de volta.

Tudo isto que vivi foi matéria emocional para eu chegar no Ilê. Durante a minha gravidez, eu tinha apenas dois amigos brasileiros que moravam comigo. Um pouco antes de parir, eles se mudaram. Depois que o Adel nasceu, eu entrei numa solidão muito grande. Eu não podia mais trabalhar, tive que recusar grandes projetos que apareceram para mim. Eu não estava no lugar que havia conquistado profissionalmente no Brasil, eu tinha que reconstruir minha carreira novamente. Eu tinha construído uma carreira em Belém, mudei pra Porto Alegre, construí uma carreira lá e agora tenho que construir uma aqui. Recomeçar uma carreira em Berlim, como imigrante e com um filho é difícil. A gente sente um complexo de colonizado muito grande. Eu sempre fico achando que eu não sou tão boa quanto os outros, porque eu sou mulher, sou imigrante e não domino o idioma. São muitos enfretamentos que surgem.

Temos ainda as diferenças culturais dentro de casa: o Lian é curdo, eu sou brasileira e ainda temos que nos entender dentro de outra cultura, a alemã. Essa cultura que nos encheu de papel, de burocracia e de demandas. *O Lian teve que correr para ter maturidade e dar conta de tudo isso.* Eu sinto que só agora, depois de 4 anos estamos conseguindo. Eu, de sustentar emocionalmente toda esta mudança; e ele, de assumir toda essa burocracia. Só agora eu sinto que estou aberta para recomeçar minha carreira de verdade.

Depois do nascimento do Adel, eu tive uma depressão pós-parto, fiz terapia. A depressão estava ligada à questão de pertencimento. Eu sentia que não pertencia a este lugar, eu não sabia com lidar com a saudade, com a falta do Brasil e da minha família. Eu sempre fui uma pessoa muito espiritualizada, quando criança frequentava Casa de Umbanda com a minha mãe e ao mesmo tempo íamos para Mesa Espírita tomar passe. **O sincretismo religioso sempre foi muito forte na minha família. Eu cresci com essa conexão espiritual. Eu sei que os meus sonhos são premonitórios.** Eu jogo tarô, então eu sempre vivi essa força. Em Porto Alegre, no Bloco de Carnaval, a gente fazia muitos cantos - cantos para Xangô, Iemanjá. No nosso Bloco tinha muita gente da Umbanda.

Umam amigas do Brasil vieram me visitar, elas são da Umbanda de Porto Alegre, e me falaram que eu

precisava cuidar da minha espiritualidade. Eu sempre soube que eu tinha uma Pomba Gira, que ela me acompanha e me aconselha. A gente tem uma relação bacana, desde a minha infância! Ela foi a primeira entidade com quem falei, eu era bem pequenininha.

Eu pude confirmar que se eu não trabalhasse minha espiritualidade aqui na Alemanha, eu ia me afundar ainda mais.

Em Porto Alegre eu não frequentava nenhuma Casa Espiritual, mas eu estava ativa vivendo a minha espiritualidade. Eu juntei pessoas, criei coletivos! Eu sempre fui de unir pessoas, tinha um compromisso espiritual através da minha arte. A arte é meu veículo espiritual. Aqui na Alemanha eu me esvaziei espiritualmente e fiquei sem o meu brilho. Sendo mulher, filha de Oxum e tendo a Pomba Gira do meu lado eu sempre fui muito vaidosa, reluzente! Aqui eu entrei no papel de mãe, num cotidiano que não dava tempo de me cuidar, andava descabelada, descuidada... Quem sou eu?

Foi aí que decidi trabalhar a espiritualidade. Eu não conhecia ninguém que frequentasse Casa de Umbanda nem Candomblé aqui em Berlim. Até que um dia que conheci uma amiga da área da arte, acabamos entramos nesse assunto e ela falou que tinham algumas Casas aqui, que iria me levar. Mas no final,

não me deu nenhum nome ou endereço. Nisso recebi o convite para a Festa de Cosme e Damião aqui no Ilê. Eu não sabia que aqui era uma Casa de Candomblé, achei que fosse apenas um Instituto de Cultura Brasileira. Por coincidência, encontrei essa minha amiga. Ela me falou que era o Ilê, a Casa que ela queria me levar.

Eu estava com o meu filho, o encontro dele com o Babá Murah foi um acontecimento! Ele só queria ficar brincando com o Babá. Eu tive a sensação do aconchego de uma casa. Através do meu filho, ficou ainda mais evidente que o Ilê era o lugar que eu procurava. Este primeiro dia marcou, meu filho estava completamente integrado. Restaurou meu sentimento de pertencimento, foi muito forte para mim. Na segunda vez que voltei no Ilê, falei com Babá a respeito disso. Foi assim que cheguei nesta Casa. Para mim tudo ainda é muito novo, estou completando meu terceiro mês aqui.

Eu sabia que a minha entrada nesta casa estava associada a muitas coisas. **Eu sabia que no momento que trabalhasse a minha espiritualidade, eu iria prosperar profissionalmente.** E foi muito curioso, porque quando eu marquei de vir para cá, numa quarta-feira, para falar com caboclo para saber se iria ser ou não filha da Casa. **Eu vim na quarta, na quinta eu recebi um telefonema para uma proposta de trabalho muito boa que vai garantir o meu ano financeiramente. E, no outro dia, um professor**

universitário apareceu, do nada na minha casa, querendo me aconselhar sobre um projeto que ele achou interessante. Eu já fiquei com a antena ligada, a vida dá sinais.

A materialidade do Candomblé é muito nova para mim: as vestimentas, os objetos, as cerimônias. Eu não sabia o que era um *Obi*. Na verdade, eu não sei praticamente nada do Candomblé. Porque a minha experiência de criança vem da Umbanda. O que me fez ter certeza de que aqui era a minha Casa Espiritual, foi no segundo dia que estive aqui, quando vim fazer a obrigação do *Obi* frio, como foi aconselhado para ser feito. Neste dia, eu me tranquei no quarto e cantei, cantei, cantei, cantei... foi um transbordamento. Nunca esqueci os pontos da Umbanda que apreendi de criança. Eu falei: “É isso. Vou seguir e mergulhar no Candomblé!” Minha mãe é uma mulher muito espiritualizada, hoje ela segue uma outra linha espiritual não é mais da Umbanda nem do Candomblé. Ela me aconselhou: “É o que tu precisas neste momento, filha. É o que é para ti. É a teu desenvolvimento espiritual.” Minha mãe só me deu apoio, esta atitude dela foi especial.

Especial, também, foi saber que estou entrando no Ilê quando a Casa está precisando de alguém para trabalhar na produção pelo viés artístico. Porque, além da comunidade religiosa, o Ilê tem um corpo artístico. Babá Murah é também bailarino

e coreógrafo. Mostrar as riquezas da cultura afro-brasileira, a tradição afro e seus símbolos religiosos, através da linguagem artística é importante, legítimo e político. Eu me reuni com o Babá e o Martin para começar a pensar como vamos produzir todo o conhecimento artístico que o Babá possui, como os *Orikis*. Os *Orikis* são os textos poéticos que contam a história dos Orixás, apresentamos um *Oriki* no Gropius-Bau. Foi muito significativo fazer parte desta performance, parece que tudo foi se encaixando. Eu cheguei no momento certo. Eu sei que eu posso assumir este posto de produtora cultural do Ilê, a arte é meu veículo espiritual. Eu sei que tenho condições de fazer visível toda beleza artística dessa Casa, o Ilê.



9 Luanny Tiago

Bom dia, meu nome é Luane Thiago da Conceição, tenho 28 anos, nasci no Rio de Janeiro, em São Gonçalo. Eu vim para Alemanha com 4 anos de idade. A minha família sempre participou do Candomblé no Brasil. No jardim da casa dos meus avós, tinha até um barracão onde nos reuníamos. **Tem algo muito interessante na minha família, a gente foi criado para não mostrar que fazemos parte dessa religião. Desde pequena, isso ficou bem claro para mim, a gente não deve mostrar para o mundo que praticamos o Candomblé.** Não se deve revelar também para todo mundo qual o seu Santo.

Eu sempre ia com minha mãe para os toques na casa dos meus avós. Toque é como são chamadas as cerimônias e festas públicas do Candomblé no Brasil. Era tão bom! Eu sempre adormecia tranquilamente pertos dos tambores, eles me embalavam. Era como se eu estivesse escutando Beethoven. É engraçado, não é? (rs)

Quando a gente veio para a Alemanha, em 1997, trouxemos a cultura do Candomblé conosco. Toda cultura é assim, carregamos no corpo. Eu acredito que não precisamos ter uma Casa para cultuar a religião, a Casa é o corpo. Podemos criar um ambiente e praticar a religião em qualquer lugar. Claro que sempre é melhor quando temos orientação. Mas, no meu caso, como já vem de berço, eu simplesmente assumo. **É difícil**

escapar do Candomblé e mesmo quando se deseja deixar de cultuar a religião, ela sempre será uma parte de você. Porque o Candomblé conta a nossa história, é a nossa origem.

Quando minha mãe conheceu o Babá aqui em Berlim, eu tinha 4 anos, para mim ele é como um tio. Babá é meu tio. Minha mãe e o Babá foram saber, muito tempo depois, que já se conheciam do Rio de Janeiro, que a Mãe Beata de Iemanjá é a Ialorixá do Babá e foi também a Ialorixá dos meus padrinhos e da minha mãe. Foi um grande reencontro quando eles se reconheceram pela Mãe Beata.

Eu sempre participei dessa Casa, do Ilê Obá Sileké. Eu participava também do Afoxé Loni, que durou 3 anos, fazia parte do Carnaval da Cultura. A gente abria o Carnaval da Cultura em Berlim. Era uma grande muvuca, vocês não fazem ideia! O Fórum tinha mais de 100 pessoas espalhadas pela casa. A casa do Babá também recebia hóspedes. E todas as pessoas que podiam receber alguém, também recebiam. Era uma rede de apoio gigantesca, mas foi muito cansativo. Fazer uma festa tão grande para tantas pessoas é trabalhoso. Até o dia que o Babá falou: “Chega. Acabou. Não vamos fazer mais”.

Quando o Babá abriu a Casa aqui, em Kreuzberg, minha mãe abriu junto com ele. Tem uma foto do primeiro

toque que teve na casa. A mamãe como *ekedi*, junto com o Babá, ajudando a fazer as coisas. A minha mãe mora em Hamburgo. Eu também morava em Hamburgo. Nós vínhamos de Hamburgo para Berlim para participar dos toques e para curtir Berlim, claro! Meu padrasto sabe que a gente pratica o Candomblé, mas vai explicar para um alemão que você vê espíritos. É bem difícil falar dessas coisas! Dos 5 filhos da minha mãe eu sou a única que faço parte do Candomblé, mamãe não quis envolver meus irmãos. Agora eu costumo vir sozinha para o Ilê, mamãe, quando tem a chance de vir, ela vem.

Aqui em Berlim nem sempre encontramos as folhas que temos no Brasil. Nos falta a possibilidade de cultuar do jeito que deveria ser. Aqui temos um Candomblé adaptado. Temos que nos reinventar.

O tempo muda, e as necessidades das pessoas vão mudando também. **Quando o Candomblé chegou ao Brasil era uma situação completamente diferente da que nós temos hoje em dia e, para sobreviver – não acho que só o Candomblé, mas todas as religiões, e eu diria mesmo, todas as culturas – precisou se reinventar e se adaptar às necessidades do seu tempo.**

A igreja católica também precisou se reinventar para não perder seus fiéis, ela não ficou parada no tempo. Fazer uma religião como o Candomblé neste frio da Alemanha tem que ser bem criativo! Mas eu acredito que a maior diferença que existe entre o Candomblé

do Brasil e da Europa é a questão da hierarquia candomblecista. Nas Casas do Candomblé no Brasil os cargos e funções são bem claras e rígidas. Além disso, se você recebe uma ordem você vai cumpri-la sem questionamento. **No Candomblé primeiro você experimenta e depois entende.**

Na Europa as pessoas não estão acostumadas a receber ordens. **O sistema aqui é defende: liberdade e questionamento de autoridade é o espírito europeu. Ele precisa entender antes de fazer: “Por que vou fazer isso?” “Por que tem que ser justamente neste dia?”.**

No Brasil não se questiona um Babalorixá, você confia e obedece. **Observar e saber ouvir é a melhor maneira de aprender no Candomblé, as perguntas não fazem parte do aprendizado. Nem sempre é fácil abaixar a cabeça e fazer o que tem que ser feito. Às vezes a pessoa vai para casa com mágoa, mas isso também faz parte do aprendizado.**

Esta é uma das causas dos europeus abandonarem o Candomblé, eles não conseguem lidar com a hierarquia, receber ordens e aceitar broncas. É difícil se adaptar a um novo sistema se você não estiver aberto. Outra coisa difícil de explicar para as pessoas deste continente é que elas precisam descer até o chão, abaixar a cabeça e pedir a benção aos filhos mais velhos da Casa. E, muitas vezes, trata-se de

uma pessoa que você não gosta, mas você tem que cumprimentar. Eu nunca esqueci quando saía com a minha avó no Brasil, eu tinha que beijar a mão das pessoas mais velhas. Às vezes a mão estava fedendo, sei lá... a gente nunca sabe onde a pessoa colocou as mãos. (risos) Estas são questões banais, mas que também surgem aqui dentro do Ilê.

Nós somos a única casa de Candomblé na Europa. Aqui temos pessoas que vêm de Israel para participar.

Lá em casa, minha mãe não fala muito sobre Candomblé, sabe? Somos apenas nós duas que praticamos. Ela faz as coisas dela e me pergunta se eu já fiz isso ou aquilo e, de vez em quando, me explica como fazer certas coisas ou me pergunta se eu fui à Casa do meu tio, aqui no Ilê. Mas assim falar abertamente, ela não fala muito. Ela tem certos hábitos como: não deixar a bolsa dela no chão; nunca beber no gargalo da garrafa, nunca, nunca; de vez em quando tomávamos banho de sal grosso.

Quando eu estou zangada e ela me vê trabalhando na cozinha com a faca, ele chega junto e fala “Não faça isso agora, deixe a faca e se acalme. A sua energia não está boa para mexer com faca.” Ela sempre dizia isso. O que mais posso dar de exemplo? Comida. Tem certas comidas que não se faz em casa. Também tem a questão da roupa, ela nunca me deixou ir ao Ilê com

uma saia curta, uma blusa decotada ou de roupa preta. **Foram coisas que eu aprendi sem explicação e, com o tempo, já incorporadas na vida, vamos entender.**

O Candomblé é assim: quando eu faço algo de bom eu não espero receber uma retribuição no mesmo instante que eu faço. Se hoje eu fizer um bem para você e você não puder retribuir, tudo bem. Porque eu sei que você ou uma outra pessoa lá na frente fará algo de bom para mim. Eu sempre agi assim e sempre me dei muito bem. **O Candomblé nos ensina a ter calma.**

A Mãe Beata é uma icônica Ialorixá feminista que combatia o racismo e a homofobia no Brasil. Uma mulher incansável, uma ativista social. Ela abriu muitas portas para o Candomblé se estabelecer na sociedade. Eu, pessoalmente, não cheguei a passar muito tempo com ela. Mas o meu padrinho, que também é Babalorixá foi filho de santo dela. **Ela foi uma grande professora pra minha mãe e para muitos brasileiros. Quando ela veio em Berlim para abrir o Ilê Obá Sieké, ela passou primeiro lá em Hamburgo, na casa da minha mãe.** Nesta época eu morava lá, eu mudei recentemente para Berlim. **A Mãe Beata era uma pessoa que, quando entrava numa sala, ela já estava presente. Uma pessoa que chega e está! Não sei como explicar, mas parece que eu só via ela!** Aconteceu uma coisa bem engraçada, quando a Mãe Beata teve em Hamburgo a gente fez uma homenagem para ela

numa igreja - uma missa com o pastor. Depois fomos para beira das águas oferecer flores para Iemanjá, que é sua Orixá. Hamburgo não tem mar, mas tem um rio com uma praia pequena. Talvez chamar de praia seja um exagero, mas nós temos areia e água, e está bom! (Risos) Na beira das águas, rolou uma questão, um dos filhos de santo dela disse: “Minha mãe, não acho uma boa jogar flores no mar. **Alemanha não se joga nada no mar. Se pode até ser preso por isto.**” Então a gente desistiu de fazer a oferenda, a Orixá entende. **Acendemos uma vela, batemos palma e foi isso. São diferenças culturais que temos que respeitar e nos adaptar.**

A Mãe Beata era uma personagem muito forte, muito presente, muito acolhedora, muito carinhosa e muito rígida. Ela só precisava olhar, com aquele jeito de mãe, para nos fazer entender que fizemos algo de errado. Imediatamente a gente entendia, aprendia e não repetia o erro. **Ela chamava todo mundo de “Meu filho!”** Eu cantei para ela. Eu canto. O meu dom é o canto. **A gente estava na cozinha, eu cantei para ela e ela chorou.** Era verão, a janela estava aberta e todos os vizinhos aplaudiram. Eu cantei uma opera, Memory do Cats. Foi uma noite tão agradável, muito mesmo! O Axé dela era como uma onda, sabe? Vinha e batia, você pegava todo esse Axé! E aí ficava nadando nesta energia boa! Ela nunca se esqueceu de mim. Quando ela voltou para o Brasil, sempre perguntava: “Cadê aquela

menina que canta? Ela está bem”? “Está mãe, está!”.

Eu estudei linguística e antropologia, hoje, faço trabalhos interculturais. Eu me considero uma tradutora de culturas: Quando trabalhava com brasileiros e alemães, meu desafio era traduzir as diferenças entre essas duas culturas. Os projetos aqui são mais estruturados, já no Brasil trabalha-se sempre dando o famoso “jeitinho brasileiro”. Fazer a tradução de cultura foi um trabalho muito duro, mas eu adoro fazer. Adoro trabalhar em festivais!

Como eu cresci aqui na Alemanha, eu sempre tive muito interesse em fazer projetos com a cultura brasileira. Eu fazia parte das baianas em Hamburgo. A gente dançava com as roupas de baianas, que são vestimentas tradicionais usadas nas casas de Candomblé. Mas dançar samba de biquíni nunca foi a minha praia. O funk progressista dos anos 90, como o Claudinho e Buchecha, eu adoro! Os funks meio vulgares, estes não. Posso até curtir de vez em quando, mas eu prefiro um forró, um pagode. Sou bem tiete de pagode, fico colada na frente do palco cantando todas as letras! (risos)

O canto é superimportante para o Candomblé, é a força do canto que ergue o Axé. O canto é uma das bases do Candomblé. Cantar é essencial para louvar os Orixás. Cantar faz bem para saúde! Qualquer roda

de Candomblé não seria nada sem o canto. **Temos os tambores, o canto e as danças; mistura valiosa para transportar a energia do Axé, nossa força vital.**

Soltando a voz nós evocamos, pedimos e oramos para os Orixás. Existe uma força que rege o canto, não precisa ser do Candomblé para sentir isso. Se você tiver paixão, felicidade e o coração aberto para o canto você já está no Axé. Não importa como você canta, o importante é que você solte a voz e cante! Toda roda de Candomblé tem músicas e algumas a gente conhece e canta e se solta, tem também aquelas letras que a gente não lembra ou não conhece, aí o Babalorixá fala: “Canta, meu povo! Abre a boca!” É tão engraçado! (risos)

O canto é uma espécie de reza. É uma ligação entre este mundo e mundo dos Orixás, o espiritual. Para mim o canto foi sempre uma forma de comunicação. Eu sou daquelas que quando algo de bom ou de ruim acontece na minha vida, eu canto! Quando a minha avó faleceu eu cantei. O meu pai alemão não entendeu por que eu estava cantando. Expliquei para ele que era uma forma de expressar meus sentimentos, de me conectar com minha avó.

Todos temos nossa música preferida que ouvimos na sala, na cozinha ou embaixo do chuveiro. Ouvir música libera emoções e relaxa o corpo. A música abaixa o

estresse. Cantar é super saudável! **“Cantem pessoas, cantem!!!! Cantem que é bom para sua saúde física e para sua saúde espiritual. Cantar é como lavar a alma! Cantem pessoas, cantem!!!!”**

10 Gilmara Guimarães

Eu sou Gil, Gilmara, Dofonitinha de Oxossi Eu tenho vários nomes além desses, mas têm alguns que não sou permitida falar em público. Nessa ocasião, de preferência, sou Gil. Sou de Minas Gerais, nasci em Belo Horizonte, Brasil. Vivo na Alemanha tem exatamente 6 anos. Em Minas, eu trabalhava como professora de português. Eu me formei na Faculdade de Letras pela UFMG. Nas minhas horas vagas eu fazia dança afro numa companhia de dança para pessoas negras e frequentava o Candomblé de Angola. No Candomblé de Angola, que comecei a minha jornada na religião afro-brasileira. Isso foi em 2007. A minha jornada no Candomblé não se iniciou como uma busca pessoal. Não foi por mim que entrei no Candomblé, foi pelo meu pai. Eu queria uma cura para o meu pai. Eu queria encontrar uma resposta para curar o meu pai do alcoolismo. O alcoolismo que vinha com muita violência e trazia muita tristeza para dentro da minha casa.

Eu venho de uma família tradicionalmente católica. A minha avó era Ministra de Eucaristia, uma mulher muito atuante na sua comunidade. Ela chegou a ajudar a fundar uma igreja no bairro de onde eu venho, a Sagrada Família. Eu não via resposta nenhum no catolicismo para o alcoolismo do meu pai e também não via nenhuma solução. Eu fui para a Macumba para ajudar ao meu pai. Foi nesse momento, que eu conheci minha Mãe de Santo. Ela cuidou de mim durante nove

anos. A história da minha jornada no Candomblé é muito interessante e muito dolorida também.

Minha Mãe de Santo, naquela época, se chama Mameto Sambugikan. Durante todo meu caminho ela muito me instruiu. Ela trouxe vários assuntos importantes para pensar e repensar o Candomblé. O Brasil foi, sem sombra de dúvidas, o lugar onde eu pude me reconhecer enquanto candomblecista mesmo não entendendo. Porque o que eu vejo, quando olho para trás, é que o Candomblé é uma religião muito complexa. E por ela carregar essa complexidade, precisa de tempo para ser compreendida. **E o nosso tempo, o tempo da vida contemporânea não é o tempo do Candomblé. Eu precisava desacelerar. Eu precisava de um tempo de amadurecimento antes do tempo do entendimento. O primeiro exercício foi rever minhas questões éticas e morais. O segundo, aprender a cuidar de mim.** Eu aprendi a ver meu corpo como um templo. Essa condição de amadurecimento interior prolongou meu tempo de *abian*, filha de santo não iniciada. Fiquei como *abian*, no mínimo por nove anos, de 2007 até 2016. Em 2016 eu fiz o Santo, fui iniciada. **O mais curioso é que a minha vinda para Alemanha, eu acredito que tem a ver com a minha jornada no Candomblé.**

Eu conheci um alemão no Brasil e nós nos apaixonamos loucamente. Ele é artista. Nos

encontramos na rua, na militância. Eu estava fazendo uma manifestação junto com a Ocupação da Câmara, em 2013. Naquele ano, rolaram vários protestos no Brasil conhecidos como as jornadas de junho. Eu estava em todas as manifestações. Eu mudei da minha casa para um acampamento, porque resolvemos ocupar a Câmara de Vereadores de Belo Horizonte. Foi nesse contexto que eu o conheci. Esta paixão me trouxe para Alemanha. Eu deixei tudo para trás: trabalho, família e amigos. Durante quatro anos eu morei em outras duas cidades antes de vir para Berlim. Foi tudo tão interessante. Eu sempre digo que esta paixão foi uma espécie de gatilho para me lançar aqui, onde estou hoje. Nós não estamos mais juntos. Vivemos uma história fenomenal no Brasil, mas o convívio não deu certo. A questão das diferenças culturais foi muito pesada para ambos.

Ilê Obá Sileké

Eu já namorava a Casa de longe, o Ilê Obá Silêke. Eu conheci o Babá pela internet. Eu sempre tive vontade de procurar o Babá Murah para ele me orientar em relação ao cultivo das plantas medicinais aqui na Alemanha. Tinha uma coisa que estava me matando: o fato de não saber quais as plantas brasileiras vingariam no solo da Alemanha. Mas nunca consegui falar com ele para tratar desse assunto.

Em 2015, eu passei por uma série de problemas de saúde. Durante 1 ano e meio, todo mês saíam furúnculo no meu corpo. Eu estava muito depressiva, muito triste e não conseguia descobrir a razão dos furúnculos. No dia 31 de dezembro de 2015, eu bati minha cabeça no chão em reverência e pedi para o meu pai, dizendo assim: “Meu pai se é isso mesmo, se o Senhor quer que eu faça o Santo, eu estou pronta. Eu estou mais do que pronta. Mas eu não posso fazer o Santo sem um trabalho. Eu não posso fazer o Santo com minha saúde debilitada.”

E foi muito hilário, porque eu descobri depois de mil exames. Depois, inclusive, de uma médica ter suspeitado que eu estava de AIDS e me requerer uma série de exame para investigar se eu tinha HIV. Todos os exames que eu fiz deram negativos. Ao final era simplesmente falta de zinco. Eu reforcei a vitamina, e os furúnculos nunca mais apareceram. Me veio, também, a intuição de que eu não devia comer mais carne de porco. Eu cortei a carne e porco tomei as vitaminas e os furúnculos nunca mais voltaram. Foi incrível!!!! Foi incrível!!! Sete dias depois do dia 31, eu consegui emprego de uma forma também muito curiosa. Eu comecei a trabalhar como cuidadora de adolescentes refugiados da Síria e do Afeganistão. O que aconteceu de curioso foi o seguinte: mesmo não sendo assistente social, que era um pré-requisito para conseguir a vaga, eu fui selecionada. Eles aceitaram

meu currículo. Na entrevista, o dono da empresa, simplesmente não me deixava falar. Ele estava encantado com meu currículo e com minha presença. Não precisar falar me deu uma grande tranquilidade, porque meu alemão naquela época era bem fraco. (risos) Foi assim que consegui meu trabalho, fui contratada. No mês seguinte, eu já tinha meu próprio dinheiro. Eu não dependia mais do meu ex-marido para fazer uma visita do Ilê Obá Sileké. Vim na Festa de Iemanjá, quando escutei o toque para Oxóssi eu bolei no Santo. (Bolar no Santo é um estado de incorporação. O Orixá está ali em estado bruto, tomou a cabeça de seu filho, cobrando sua iniciação.) Foi, neste dia, 2 de fevereiro de 2016 que conheci o Babá. Ele ficou impressionado, porque cheguei na casa bolando e ele viu que eu era do Candomblé. Eu fui vestida de baiana, eu tinha minhas miçangas e meu *contraegun*. A primeira coisa que o Babá me perguntou foi se eu ia iniciar. Eu respondi que sim, 2017 tá prometido para o Santo. Disse que ia fazer no Brasil.

Em abril voltei ao Ilê para a festa de Oxóssi, o meu pai. Bolei novamente. Eu fiquei assustada. Eu sabia que tinha uma questão psicológica, porque a única falta que eu sentia do Brasil a era a falta do Candomblé. Parentes e amigos não sinto falta, sei que estes afetos se constroem com o tempo no envolvimento com o lugar que você vive. Eu não sou de me prender e de me apegar às coisas e às pessoas. Mas eu falava sempre que

se eu precisasse voltar ao Brasil o único motivo seria o Candomblé.

Resumindo, foi assim que eu conheci a minha Casa, que conheci meu Ilê Obá Sileké! **Sou a primeira filha feita para Oxóssi e a terceira dentro dessa casa. Digo isso com muito orgulho. Foi um presente que eu não esperava, eu não esperava mesmo. Agora eu entendo por que eu vim para Alemanha. Eu vim para Alemanha para me reconhecer, para me reconstruir e para achar a minha Casa. A Casa que eu precisava ficar.**

Tem muita falta de informação em relação ao Candomblé. E muitas pessoas procuram o Candomblé para resolver problemas financeiros ou fracassos amorosos. O Candomblé não se resume a oferecer uma oferenda para conquistar o que preciso. Este tipo de atitude me incomoda muito. **O Candomblé é um espaço de cura, de convivência diária com as forças da natureza. O Candomblé é um lugar de autorreflexão, de autoconhecimento e de crescimento espiritual. Esta busca individual se expande para a própria comunidade do Candomblé, o próprio egbé. Egbé significa comunidade, irmandade. Então você está em contato consigo mesmo e com os outros. Se modificando e se melhorando através do convívio com as diferenças.** Só dá pra ser melhor que si mesmo a cada dia. Quero dizer que não quero ser melhor do que o outro e sim do eu mesma a cada dia. **Esse foi um dos**

maiores aprendizados que eu tive na vida: eu vim me reconhecer, me aceitar com todas as problemáticas e com todas as questões que trago e vim também ser aceita nessa diversidade, nessa amplitude. Eu vim para Alemanha para isso. Hoje isso é muito claro para mim. Eu precisava colocar minha pedra aqui. Eu precisava assentar a minha pedra neste lugar e viver para o sagrado até onde meu corpo físico precisar ir.

Nós, indivíduos diaspóricos, precisamos de um lugar para sanar as nossas dores. Precisamos de um lugar para ter um pouco de conforto, acolhimento, carinho e segurança. O Ilê Obá Sileké, aqui em Berlim é esse lugar. Um que fica no coração de Berlim e que pessoas de toda Europa vêm participar e vêm buscar um pouco de aconchego e voltam para suas casas levando consigo calor humano.

E sabe qual foi minha primeira responsabilidade aqui no Ilê? Cuidar das plantas. Babá colocou nas minhas mãos esta tarefa. E foi muito, muito, muito lindo!!! Eu agradeço a meu pai eternamente por isso! Eu tinha um jardim em Leipzig. Eu morava numa casa muito legal e através desse jardim eu fui conhecer a terra alemã. O que é possível de ser cultivado neste solo. Como trazer as espécies da flora brasileira para cá?

Ao mesmo tempo que ficava nessa busca, pesquisando, fui conhecendo plantas brasileiras que existem na

Alemanha. O Candomblé é muito rico e diverso, por exemplo, as folhas do Candomblé de Angola são diferentes das folhas dos ritos do Candomblé de Ketu.

Esta descoberta me motivou a pesquisar a origem das plantas medicinais e as semelhanças entre espécies. Descobri que existe uma base análoga em todas as espécies vegetal. Descobri também que ao debruçar o olhar sobre o ambiente que nos encontramos achamos as respostas. Pesquisar as plantas, reconhecer espécies me ajudou a melhorar meu alemão. Foi muito trabalho, muito mesmo. Como eu não tinha dinheiro para arcar com curso de alemão, eu sempre estudei sozinha. As pesquisas com as plantas foi minha escola. Como sou professora, esse exercício me era familiar. É o papel de um professor: saber ensinar e também saber aprender.

A minha função no Ilê Obá Sileké, eu gosto de brincar, é de *yawô* multiuso. *Yawô* é uma filha de santo já iniciada na feitura, mas que não completou o período de 7 anos de iniciação. Só após os 7 anos, a *yawô* se tornará uma *egbomi* (irmã mais velha). Mas mesmo não sendo uma irmã mais velha, eu tenho um cargo apontado. O que significa ter um cargo apontado? Significa que daqui a alguns anos - eu estou com 3 anos e meio de santo, estou no meio do caminho - daqui a mais 3 anos e meio completam 7 anos e eu serei a *Iyakekêre* dessa casa, Mãe Pequena, a segunda sacerdotisa da comunidade.

Esta é uma contradição alucinante, tem um vendaval dentro de mim. O tempo da *yawô* é o tempo de aprendizado. Aí vem o Orixá junto com o destino, porque está tudo predestinado, eles me pregaram uma peça. Eu sempre amei o Candomblé, mas como uma boa filha de Oxóssi eu adoro um distanciamento. Eu gosto de estar presente, mas eu gosto do meu isolamento. Gosto de estar antissocial e ficar ali no meu cantinho. Ficar um tempo sem ver as pessoas. Ficar sem encontrar para depois voltar a encontrar. Esta é uma característica da minha personalidade.

Quando eu morava Leipzig, eu vinha 3 vezes no mês para o Ilê. Eu vinha para as funções regulares da Casa, toda quarta-feira nos encontramos. Neste período, programava minhas férias para ficar aqui dentro do Ilê. Mas tem 2 anos que o Orixá me mandou para Berlim. Tudo aconteceu de uma forma tão surreal! Resultado: estou morando a 10 minutos daqui da casa, do Ilê. Eu estou aqui quase todos os dias, só me dou uma folga quando eu sinto que preciso. Porque é importante também este respiro. Nestes 2 anos eu fui aprendendo muitas coisas, um pouquinho de cada função para ajudar os outros filhos. Porque sendo uma das filhas mais velhas da casa – sou uma pessoa que está sempre presente fazendo parte de todos os preceitos e obrigações – uma das minhas funções é instruir os filhos, ensinar como funcionam as atividades da Casa.

O Candomblé não é o lugar de buscar sucesso financeiro ou emocional, isso não existe. O Candomblé te ajuda a encontrar o seu equilíbrio. O seu caminho.

Minha função hoje é entender o funcionamento da Casa, comunicar e conversar com os filhos sobre o andamento das atividades. Também delego funções e tarefas instruídas pelo Pai de Santo. Eu tento cuidar dos filhos dessa Casa. Quando estão recolhidos, eu me recolho com eles. Eu cuido das refeições: café da manhã, do almoço e jantar. Verifico se estão precisando de roupa, se tem um chazinho para servir. Eu também faço a comunicação com os familiares durante o recolhimento. Tem iniciação que demora mais, e a pessoa pode ficar recolhida por 21 dias. Eu recolho junto com ela pelo tempo que for preciso, para dar uma assessoria plena.

Também estou junto da organização para que as Festas aconteçam, as Festas dos Orixás. Ver se os instrumentos musicais ritualísticos estão em ordem até as pequenas coisas como ver o que está faltando de material de limpeza. Eu vejo o que está faltando para que seja providenciado.

A Casa aqui é relativamente nova, 15 anos não é nada. Mas ao mesmo tempo é muito.

Nós ainda não temos um *egbon* na casa. *Egbon* é uma

yawô que já completou 7 anos de feitura, de iniciação como já falei. Eu vejo que daqui a alguns anos, nós vamos nos firmar ainda mais. As pessoas entendendo os seus papéis, entendendo a dinâmica. Daqui a 7 anos este Candomblé vai ser outro!!!

Eu gostaria de trazer agora uma reflexão pessoal: Por que estou dentro do Candomblé?

Primeiro: porque eu sou preta. Segundo: porque meu pai é preto. Terceiro: porque a minha vó é preta. Quarto: porque a minha tataravó é preta e era escrava. A minha avó já nasceu livre. Meu pai ele só pôde estudar até a quarta série primária. Mas a minha avó falou para o meu pai: “Você não conseguiu, mas a sua filha vai conseguir.”

Eu fui a primeira geração que conseguiu chegar na Formatura. Mas eu sempre senti falta de um espaço de pertencimento, de origem, e de alguma forma eu sabia que a academia não era o lugar para uma mulher negra. Como feminista, eu encontrei no “Bloco das Pretas” o feminismo negro, mas ao mesmo tempo eu percebi que ali não era o meu lugar de militância. Eu sentia falta da minha raiz e o Candomblé preencheu este vazio. **O meu lugar no Candomblé está ligado à minha ancestralidade de mulher negra: eu trago, perpetuo e immortalizo a minha ancestralidade negra aqui. Esta ancestralidade permite que minha raiz**

dê flores, eu afloro trabalhando aqui dentro. Para mim o Candomblé é um espaço de militância. Foi este lugar que escolhi para continuar sendo voz. Eu falo isso porque o Candomblé, no seu histórico de sobrevivência, ele se abre, se expande e se reinventa. O Candomblé nasceu dentro de um núcleo da família. Até hoje é comum ver, por exemplo, os filhos biológicos de Pais e Mães de Santo assumirem papéis na hierarquia do Candomblé. Eu sinto que a minha avó católica cortou nossa linhagem ancestral. O meu pai é católico. A minha mãe morria de medo do Candomblé. **A minha mãe é uma mulher branca que demorou de me aceitar como uma mulher candomblecista. Eu sei que preciso recuperar a minha linhagem, porque ela foi perdida. A história do preto foi completamente negligenciada. Ao mesmo tempo em que esta história negra para mim fica muito clara dentro do Candomblé. Eu recupero aqui dentro do Ilê, meu passado. Aqui eu tive contato com a minha ancestralidade e meus ancestrais. É aqui que a ancestralidade me fala e me mostra quem ela é e quem eu sou. Aqui eu me reconheço. Eu vejo que apesar de tudo que aconteceu, historicamente falando com os negros brasileiros, eu ainda consigo achar a linha que me une a minha ancestralidade perdida. Esta linha está no Candomblé! Eu sou uma militante dentro do Candomblé.** Agora, talvez você entenda melhor o porquê eu quero tanto estar aqui. Porque eu me nutro tanto com tudo isto aqui. Porque aqui a minha raiz está sendo fortalecida. Porque aqui a

minha ancestralidade está sendo fortalecida. Eu espero que neste caminho a ancestralidade negra esteja me usando, para que eu continue perpetuando o que se firmou no Brasil enquanto religião afrodescendente. Eu sou realmente religiosa. **Vejo esta religião, o Candomblé, como um espaço político. É um espaço de luta contra o racismo. No Brasil o Candomblé é perseguido, difamado e discriminado. Ataque a templos e agressões físicas, faz parte da realidade do Candomblé no Brasil. É a única religião que não é aceita. As tentativas de silenciamento são inúmeras. Não vemos manifestações tão violentas com outras religiões no Brasil como vemos contra os terreiros.** Em Berlim, aparentemente há uma tolerância religiosa. Mas é muito difícil encontrar pessoas com coração aberto para entender o que é realmente o Candomblé.

O que mais vemos é o Candomblé sendo colocado numa “caixinha” como um rito não civilizatório. Como se a oralidade fosse algo menor que a escrita. Como se resguardar tradições fosse algo fora de moda. Tem um certo preconceito em tudo isso. Tudo acaba no exotismo. Isso me mata de raiva. O Candomblé é uma religião animista – o modo de ver os animais e as plantas e as pedras se dá numa outra gama de significados, de sentidos diferente da cultura ocidental judaico-cristã. É uma outra percepção de mundo que existe, mas que temos que conquistar o direito de existir. Ele existe, mas não é aceito. É um

espaço de luta por direito de existir.

O Ilê Obá Sileké tem um papel fundamental por conta da sua localização geográfica - o Ilê está na Alemanha, no coração da Europa. Num lugar em que a lógica do capitalismo reina de forma brutal, em que as religiões judaico-cristãs têm muita força assim como o ateísmo domina mentes aqui. Essas vertentes são muito pesadas, pois determinam uma forma de pensar e de viver capitalisticamente. Tempo é dinheiro. Este é o lema daqui. O Candomblé contrapõe este lema, tem uma outra cosmovisão de tempo e de mundo. Tem outra forma de se relacionar com o dinheiro.

Mas também existem pessoas abertas aqui na Alemanha e que conseguem entender essas questões. Que conseguem perceber e sentir a energia cósmica que nos permeia, a energia que essa aqui e aí neste momento. Que compreende o culto às forças da natureza, ao vento, à água personificados na forma dos Orixás. Percebem que esta energia trabalha em prol do nosso crescimento tanto espiritual quanto pessoal. Uma coisa não está separada da outra. Têm pessoas abertas que sentem, temos muitos filhos da Casa que são alemães.

As pessoas, aqui, se tornam adultas tecnocratas. Buscam soluções técnicas e racionais para os problemas, sem considerar aspectos humanos. Esta

servidão ao trabalho baseada no individualismo. Os alemães não desfrutam da coletividade, não são seres do coletivo. O Candomblé é uma religião que opera no coletivo. Sem comunidade não há indivíduos, e sem seres singulares não há comunidade. Pense na solidão desse país, as pessoas se isolam e muitas morrem sozinhas no seu apartamento e só se sabe tempos depois... pelo cheiro do cadáver. As pessoas não curtem o contato uma com as outras. A comunidade do Candomblé atrai pessoas que não querem mais viver isoladas.

O Candomblé é de estrutura matriarcal. A origem do Candomblé é matriarcal, o Candomblé foi criado por mulheres. As “escravas de ganho”, no contexto do Brasil colonial, eram escravas que procuravam nas ruas uma ocupação paga. Muitas montavam tabuleiro na rua, amamentado filhos. Elas vendiam seus quitutes: acarajé, abará, cocada. Vendiam também utensílios, roupas. Elas faziam dinheiro com essas atividades e compravam sua alforria. Ainda sobrava um trocado para tocar tambor e reverenciar os Orixás. Aí está a raiz do Candomblé, nestas mulheres, as veias que transportaram o Axé por todos os terreiros. O Ilê Obá Sileké é predominantemente feminino.

